

ZÉ FIDÉLIS

“O ZÉ FIDÉLIS” estreou a 20 de fevereiro de 1920, apresentado pelo Grêmio Dramático Familiar, em sua sede, com o seguinte elenco:

MAJOR CARAPEBA	Augusto Guabiraba
BRANCA	Brasília Façanha
VIOLETA	Beatriz Façanha
CHIQUITINHA	Zilda Sepúlveda
ZÉ-FIDÉLIS	Eurico Pinto
GOGÓ	Joaquim Santos
ISABEL	Raimundinha Façanha
DOLORES	Maria de Lourdes
MAÇARICO E CABO	João Vieira
CATOLÉ	Edgard Torres
MANÉ PEBA	Rodolfiano Carvalho
UM CIGANO	Alberto W. Meneses
CAMPONESES	

ZÉ-FIDÉLIS

Carlos Câmara em “Zé-Fidélis” revela-se o observador tão perfeito e arguto quanto o pode ser um bom escritor de teatro, ébrio de inspiração e de idéias. Dispondo as personagens inteligente, e convenientemente, numa espécie de jogo lento de xadrez, ele soube, com excepcional e refletido raciocínio, armar um seguro golpe de efeito (...) Os atores souberam dar, no palco, ao “Zé-Fidélis”, bem o cunho de originalidade e graça que a personagem requeria, a despeito da afetação e, sejamos sinceros e francos, mesmo pouca naturalidade com alguns deles se houveram no desempenho de seus respectivos papéis (...) Eurico Pinto soube tocar, com real e grandiosa sugestão, todos os infalíveis cordéis, que movem o público ao aplauso e ao riso. Augusto Guabiraba esteve irrepreensível e, sobretudo, correto. (...) É um artista de recursos notáveis. Zilda Sepúlveda, graciosa, vivaz e desembaraçada, deu uma Chiquitinha encantadora e perfeita. O papel que desempenhou casou-se admiravelmente com o de sua irrequieta e arrulha figura, cheia de alegria serena. É uma menina incomparável, que tem grandioso pendor para o palco, revelando-se nele uma atriz maravilhosa e precocemente admirável (...) Joaquim Santos ter-se-ia saído irrepreensivelmente, se não fora o ligeiro ar de afetação, com que figurou o Dr. Gregório Carapeba (...) Há em Joaquim Santos, positivamente, um espírito teatral muito apurado, espírito esse que se manifestou, quer no desempenho de seus gestos educados, quer no timbre sonoro de sua voz.

Correio do Ceará (3/03/1920.)

PRIMEIRO ATO

(A cena representa um bosque. À esquerda baixa uma casa. À direita alta outra, de menos aparência. Ao fundo, uma estrada a se perder de vista. Bancos toscos. É manhã)

CENA I

Major Carapeba, Branca, Violeta, Chiquitinha e um grupo de Camponeses.

CORO

Partamos, todos partamos;
Corramos, sem demora,
Vamos ver o Doutor,
Que vai chegar agora.

UM CAMPONÊS

É dia de alegria,
Em todo este arredor,
Pois hoje vai chegar,
O filho do major.

CORO

Partamos, todos partamos;
Corramos, sem demora,
Vamos ver o Doutor,
Que vai chegar agora.

MAJOR

Estamos já na hora,
Rapazes, vamos lá,
Receber o Gogó,
Que vem do Ceará

CORO

Partamos, todos, partamos,
Corramos, sem demora
Vamos ver o Doutor,
Que vai chegar agora.

MAJOR — Bravo, isto, rapazes: animação. É preciso qui a vorta do Gogó seja condignamente afestejada. Vamo recebê ele fora da vila, e fazê-le uma manifestação badeja.

TODOS — Vamos. Vamos.

CHIQUITINHA — Nós também podemos ir, papai?

MAJOR — Inhora não. Vosmicês ficam, e vão esperá aqui a nossa vorta triunfá. Nós num se demora. O Gogó deve ter pernoitado na Baixa Funda, que fica a duas légua d'aqui, e, a estas hora, já deve está pertinho da vila.

VIOLETA — E nós que tanto desejavamos ir...

UM CAMPONES — Seu majó, deixe as menina í mais nós.

MAJOR — Vão não. Tá arresolvido. Rapaziada, partamo.

(SAEM CANTANDO)

Partamos, todos, partamos;
Corramos, sem demora,
Vamos ver o Doutor,
Que vai chegar agora...

CENA II

Branca, Violeta e Chiquitinha.

CHIQUITINHA (AO CESSAR O RUMOR) — Que pena, hein?...

Não podemos tomar parte na recepção do Gogó. ..

BRANCA — Eu, de qualquer forma, não iria.

VIOLETA — Não ias?... E por quê?

CHIQUITINHA — Sim. Por quê?

BRANCA — Porque... vocês devem convir, não me ficaria bem.

Vocês, sim; são suas irmãs, mas eu...

VIOLETA — Tu és nossa amiguinha; e, quando não o fosses por ele, irias por nós.

CHIQUITINHA — Tu ainda te lembras dele, Branca

BRANCA — De quem? Do Gregório, ou por outra do Gogó, como nós lhe chamávamos? Lembro-me perfeitamente. Conservo na memória os seus tracos, bem nítidos. Ele é que talvez não se recorde mais de sua companheira de infância...

CHIQUITINHA — Pois, eu, meu bem, apesar de ser meu irmão, nem sei de que cor ele é feito. Quando partiu eu era tão pequenita...

VIOLETA — Agora eu, me lembro dele muito bem.

CHIQUITINHA — Também não admira, meu bem; Quando eu vim ao mundo tu cá já estavas.

BRANCA — (DEPOIS DE TER PERCORRIDO A VISTA PELO CENÁRIO) — Que bela manhã, e como é deleitável aspirar-se a plenos pulmões este ar embalsamado pelas flores silvestres...

VIOLETA — Ih...

CHIQUITINHA — Ô xentes...

VIOLETA — Estás hoje muito poética, Branca...

CHIQUITINHA — Fez me lembrar aquele canto: "Olá. Olé. Como é bom viver".

BRANCA — Bravos. Uma idéia. Vamos cantar isso?

VIOLETA — Vamos. Vamos.

CHIQUITINHA — Eu por mim, estou sempre pronta p'ra cantar.

Se me chamam: a sabiá...

BRANCA — Então, vamos lá. Um, dois, três... Já.

(CANTAM AS TRÊS)

Olá, Olé
Como é bom viver...
Esta vida é um prazer,
Olá. Si é...
Olá, Olé

Como é bom viver.
Esta vida é um prazer
Olá. Oleré.
Si é...

BRANCA —

Ao florir da mocidade,
Dentro em nós a alma brada:
Como é belo e sugestivo
O romper da madrugada...

CORO —

Ao florir da mocidade
Dentro em nós a alma brada:
Como é belo e sugestivo
O romper da madrugada...
Olá, Olé
Como é bom viver...
Esta vida é um prazer
Olá si é...
Olá. Olé.
Como é bom viver.
Esta vida é um prazer.
Olá. Oleré.
Si é...

VIOLETA —

A bonina perfumada,
Que do prado é alegria,
Lança à brisa seus olores,
Quando vem raiando o dia...

CORO —

A bonina perfumada,
que do prado é alegria,
Lança à brisa seus olores,
Quando vem raiando o dia...

Olá. Olé

Como é bom viver.

Esta vida é um prazer.

Olá. Si é...

Olá, Olé

Como é bom viver.

Esta vida é um prazer.

Olá. Oleré.

Si é...

CHIQUITINHA —

Maviosa sabiá,
Em meio da passarada,
Desfere o canto festivo,
Ao romper da madrugada.

CORO —

Maviosa sabiá,
Em meio da passarada,
Desfere o canto festivo,
Ao romper da madrugada.

Olá. Olé.

Como é bom viver.

Esta vida é um prazer.

Olá. Si é...

Olá, Olé

Como é bom viver.

Esta vida é um prazer...

ZÉ-FIDÉLIS (QUE TEM ENTRADO POUCO ANTES)

Olá. Oleré Si é...

AS TRÊS ASSUSTADAS) — Ui... (SAEM CORRENDO. VIOLETA E CHIQUITINHA PELA ESQUERDA BAIXA, E BRANCA PELA DIREITA ALTA).

CENA III

ZÉ FIDÉLIS (SÓ)

— Oh, meninas... Eu cá nan sou nenhum vixo. (PEQUENA PAUSA). Ora já se bio?... Quando fui a tomare chegada, foram logo a vaterem as asas, como se fossem um vando de rolas aboante... Nan lhes senti nem o cheiro. Sim senhore; essa cá me fica (OUTRO TOM). E eu que binha no prupósito de fazere à menina Vranca o meu amore a ela... Sim o meu amore, (AO PÚBLICO) apois nan bêm, que adispois de bélho fui que m'alembrei de

apaixonare... (DE MÃOS ABERTAS: OLHOS NOS CÉUS) Ai, Santa Birgo Birginum, mãe dos desbalidos e prutetora dos desemp'rados... Lançai bossas bistas misericordiosas sobr'este miserabel peccadore... (MUDANDO DE TOM) Eu só qu'ria que aquela veleza s'arresolbesse a me arreceber pru marido... Cumo eu seria f'liz... Cumo eu seria f'liz, lebando pulo vbraco aos altare aquele arcanjo do senhôre... Antonce cá o Zé-Fidélis pod'ria cantare ao biolão (FAZENDO DO CHAPÉU DE SOL VIOLÃO).

(CANTA) —

O Zé-Fidélis é f'liz.
É f'liz, assim...
Escolheu para mulhére
Lindo quêruvim...
Vélos filhos bai criare
De tal união...
Ninguém póde dubidare
Bossês o berão...

Ai... Que prazêre,
Qu'alegria franca,
Nan bai ele têre...
Quando, a corare,
Nos vbraços a Vranca
Ele a apertare...

Bai ser coisa nunca bista
Este casamento...
E eu já 'stou a me babare
De contentamento...

O povo todo dirá:
Que feliz casal,
E à noite haverá vaile
E etc., e tal...

Ai... Que prazêre,
Qu'alegria franca,
Nan bai ele têre,
Quando, a corrae,
Nos vbraços a Vranca
Ele a pertare...

(DANÇA)

— Ah, s'isso fosse berdade... Mas num é. Quando muito pod'rá sère berso, mas nan é berdade... (SUSPIRANDO) Ai... Cumo eu seria f'liz. (OUVEM-SE VIVAS) Que varulho infernal... Nada. Nada. Bou a me raspare. Nan é o filho de minha mãe que se bai metère em cês de vês... (SAI E. B.)

CENA IV

Major, Gogó e Camponeses, estes cantam: (ENTRAM F.)

CORO — Haja festa... Haja alegria...

Brademos com bom vigor...

Haja festa... Haja alegria,

Na chegada do Doutor...

GOGÓ (TRAJE DE VIAGEM, POLAINAS E REBENQUE)

Adradeço, meus amigos,

Esta grata receção;

Fico-lhes reconhecido

De todo meu coração.

CORO — Ulalá... Sim Senhor...

Fala bem nosso Doutor.

Ulalá... Sim senhor...

Fala bem nosso Doutor.

GOGÓ — Depois de tanta ausência

Vim rever a minha aldeia;

Quer de longe, ou quer de perto,

Por ela meu peito anseia.

CORO — Ulalá... Sim senhor...

Fala bem nosso Doutor.

Ulalá... Sim senhor...

Fala bem nosso Doutor.

UM CAMPONÊS — Viva seu Doutô...

TODOS — Viva...

GOGÓ — Obrigado, meu povo. Desvanece-me tanta ovação, ao regressar aos pátrios lares. É a aura popular, que me bafeja.

MAJOR — (À PARTE) — Falou pouco, mais porém bom. (AOS CAMPONESES)

Rapazes, agora vão moiá o bico, tomá um grogzim pra modo corroborá as fíbricas. Vão entrando, sem cérimonha (CAMPONESES ENTRAM EM CASA DO MAJOR)

GOGÓ — E Violeta, e Chiquitinha, como vão, meu papai?

MAJOR — Muito bem. Sempre alegres e a cantá cuma um casalzim de pintassilva. Vou chamá elas. (VAI À PORTA) Ô Violeta... Ô Chiquitinha.

AS DUAS — Senhor!

MAJOR — Venham abraçá o Gogó. (ESTAS APARECEM)

AS DUAS (ALEGRES) — Ó Mano...

GOGÓ (ABRAÇANDO-AS) — Como estão bonitas e crescidas. Sim senhor...

Tout á fait chic...

MAJOR (A PARTE) Chi... O rapaz vêi falanão inguilêz... De tudo dá fé o Chico...

VIOLETA — Você também está um rapagão, Gogó. Era tão escanifrado quando foi para o Ceará...

GOGÓ — Desenvolvi-me bastante. Intelectual e fisicamente. Metime no futebol.

MAJOR — Fut o que?

GOGÓ — Bol. Consiste em uma bola de borracha, que se atira ao espaço com os pés. É o esporte da moda.

MAJOR — Este povo inventão coisa...

CHIQUITINHA — Se papai tivesse consentido, Gogó, eu e Violeta teríamos ido assistir a sua recepção fora da vila.

GOGÓ — Olhe, Chiquitinha. Não diga recepção. É antieufônico. O chique é dizer-se: receção.

CHIQUITINHA — Pois sim, Gogó: receção.

VIOLETA — Você fez boa viagem, Gogó?

(OS CAMPONESES APARECEM)

GOGÓ — Excelente, mas... (CAMPONESES DESPEDEM-SE E SAEM) Vou fazer-lhes um pedido. Nunca me tratem por Gogó, em presença de pessoas estranhas.

AS DUAS — Pois sim, Gogó.

GOGÓ — Far-me-ia mal aos nervos, ouvir o vulgo chamar-me: Gogó. Não soa bem. Avaliem vocês: Doutor Gogó. Seria simplesmente ridículo. Estão entendidas?

AS DUAS — Pois sim, Gogó.

MAJOR — Deixa de bobagem, home. Aqui toda gente, desna de pequenino, qui te cunhece pur Gogó. Hás de sê Gogó a vida inteira; hás de sê Gogó intê a morte. Porque... o que o berço dá só a tumba tira... cuma dizia a minha santa vó, a quem Deus haja (TIRA O CHAPÉU).

GOGÓ — Eu, com franqueza, não daria grande cavaco em ser Gogó. Mas... na intimidade, compreendem? Para o vulgo...

MAJOR — Que vurgo, home?

GOGÓ — A rafaméia.

MAJOR — Piorou. Se eu nun cunheço o tão vulgo, qui dirá a... rafaméia.

GOGÓ (EXPLICANDO) — A plebe, a ralé...

MAJOR — A plebe ralé? Tou no mêrmo.

GOGÓ — A arraia miúda.

MAJOR — Mas que diabo de história implicada é essa? Ispilica-te, duma vez, home. Vurgo, rafaméia, plebe, ralé, arraia miúda. Qui nos mato num hai nada disso qu'eu saiba.

VIOLETA — Aqui não tem nada disso, Gogó. Só se é na capital...

CHIQUITINHA — É, Gogó.

GOGÓ — Não me fiz compreender. Quero referir-me ao povocho, à gentinha do povo.

TODOS — Ah!

MAJOR — Ah... A gatinha do povo?... Gente do povo todos nós o semo, Gogó. Lembre-se qui eu, antes de sê Majô Carapeba, fui vaqueiro do Curunéo Barroso, da Maiada Grande.

GOGÓ (DESAPONTADO) — Não recorde isto, meu pai.

MAJOR — E por quê? Num me dirá?

VIOLETA E CHIQUITINHA — Foi, Gogó.

GOGÓ — (A PARTE). É só Gogó, Gogó. (ALTO) Bem. Só lhes peço que, à vista de pessoas que não privem de nossa intimidade, não me chamem por esse maldito apelido. Prometem?

AMBAS — Prometemos, Gogó.

GOGÓ — (A PARTE) — Irra, com tanto Gogó.

MAJOR — Violeta, vai mandá aperpará o armoço.

VIOLETA (SAINDO) — Até já, Gogó. (SAI).

MAJOR — E tu, Chiquitinha, canta aí quarquê coisa p'ro Gogó uvi.

CHIQUITINHA — Mas papai...

GOGÓ — Canta, Chiquitinha. Quero apreciar tua voz de sabiá. Tu sabes a MULATA, das lendas e canções populares, de Juvenal Galeno? (1)

CHIQUITINHA — Sei, sim.

MAJOR — Ela sabe tudo. Nun faz outra coisa sinão metê essas intrapiada toda na cachóla.

GOGÓ — Pois vamos lá, meu amor, canta a MULATA, do grande vate cearense...

CHIQUITINHA (A GOGÓ) — Não repare, hein? (CANTA)

Ai vida de minha vida,
Meu lindo sonho de amor,
Minh'alma por ti se abrasa,
Por ver-te... sou trovador.

Mulatinha brasileira,
Amor...
Amor...
De todo perco o sentido
Perdido
Por teu langor...

Se falas... grata harmonia,
Ao longe, no ermo ouvida:
Que delícias, quanto afeto...
Ai, vida de minha vida...

(1) — "Lendas e Canções Populares", livro de poesias do poeta cearense Juvenal Galeno, com edições em 1865, 1892 e a última já em 1965.

Se falas... que voz divina
Amor...
Amor...
De todo perco o sentido
Perdido
Por teu dulçor.

Ai, vida de minha vida,
Quem mais terna, mais leal?
Suspiras... morres amando,
Amando... não tens rival...

Mulatinha brasileira
Amor...
Amor...
De todo perco o sentido
Perdido
Por teu primor...

GOGÓ — Bravos... Muito bem. Gorgeias como um rouxinol.

MAJOR (A GOGÓ) — Agora, vamo vê o resto do povo e arrepará se sua bagage vei dêreito. (ENTRAM EM CASA). Tem uns paleio esses doutô bacharel.

CENA V

Branca (Só)

(SAI DE CASA, DESCE E DEPOIS DE ESPREITAR A ESQUERDA BAIXA)

BRANCA — Ainda não o vi. Será o mesmo companheiro, de outros tempos, delicado, cortez, franco, leal ou estará diferente, enfrornado nos seus pergaminhos de bacharel em direito? (PEQUENA PAUSA (SENTA-SE)). Oito anos de ausência... e nunca pude esquecê-lo... Por mais que me esforçasse, jamais consegui riscar da mente a sua imagem. Evoco, sempre, na imaginação, os mínimos incidentes, em todos os seus detalhes, do nosso tempo de criança. (SUSPIRANDO). Ah, feliz quadra de minha vida. Meu pai, não se achava como hoje, inutilizado, preso ao leito por uma paralisia cruel. Minha mãe vivia então. E instruída e bondosa, era a nossa preceptora. (LEVANTA-SE). Ah, bons tempos, bons tempos aqueles... Que não voltarão mais, nunca mais. (DIRIGE-SE A CASA DO MAJOR). Vou vê-lo. (MUDANDO DE RESOLUÇÃO) Não. Não vou lá agora. Mais tarde. (RETROCEDE E ENTRA EM CASA).

CENA VI

Zé-Fidélis, e depois Gogó.

ZÉ-FIDÉLIS (ENTRANDO DA ESQUERDA BAIXA NO MOMENTO EM QUE BRANCA SE DIRIGE A ESQUERDA ALTA) — Ai... Lá bai ela. Lá bai ela... Ai, meu Deus, p'rece mesmo o retrato da Birgem. Tão vonitinha (VAI À ESQUERDA ALTA) Menina Vranca. Ó menina Vranca... (MUDANDO DE PROPÓSITO) É melhore nan lhe falare agora. Nan tenho curagem. Nan sou homem p'ressas biolências...

GOGÓ (ENTRANDO) — (À PARTE) — Quem será esse velhote?... Tem cara de palerma.

ZÉ-FIDÉLIS (VENDO GOGÓ) — Oh, seu Doutore, vons olhos o bejam. Antonce, beio hoje? (SILÊNCIO DE GOGÓ) P'rece, seu doutore nan me cunhece?...

GOGÓ — Não me recordo.

ZÉ-FIDÉLIS — Cunhece, seu doutore. Bossa sinhoria vem que me cunhece. Bossa sinhoria póde é nan ligare o nome à pissôa...

GOGÓ — Não ligo, confesso.

ZÉ-FIDÉLIS — Apois eu sou o Zé-Fidélis. Bossa Sinhoria já se nan recorda? (GESTO NEGATIVO DE GOGÓ) Da Padaria cá da terra.

GOGÓ — Ah, sim. Agora me lembro. Você distribuía pão da padaria do Manoel Gamão. Ora, também há 8 anos que eu não o via...

ZÉ-FIDÉLIS — Eu hoje já nan sou distribuidore, seu doutore. Sou o pruprietário. O Manélis vateu o pacáo, esticou o pêrnil. (OUTRO TOM) Agora, eu fui bendo Bossa Sinhoria e fui logo a dizêre cá com os meus votões: Aquele é o Gogó, filho de seu Majore Carapeba, qu'habia ido a estudare.

GOGÓ — Gogó, não, seu Mané Côco, — Gregório, se me faz favor.

ZÉ-FIDÉLIS — Mané Côco, não, seu Gregório — Z.-Fidélis, se me faz favore.

GOGÓ — É a mesma coisa.

ZÉ-FIDÉLIS (À PARTE) — É como Gregório e Gogó; bem sere a mesma coisa. Ora já se bio?

GOGÓ — O senhor, naturalmente, anda por aqui a bacorejar, não?

ZÉ-FIDÉLIS — Nan é propriamente a vacorejare, seu doutore. Saiva Bossa Sinhoria, que eu ando a bêre se abisto uma linda cachôpa, por quem 'stou apaixonado.

GOGÓ — Apaixonado?

ZÉ-FIDÉLIS — Sim, senhore, seu doutore. Apaixonado p'ra vurro!

GOGÓ — Olhe que na sua idade, é perigoso isto, seu Fidélis.

ZÉ-FIDÉLIS — A idade nan bem ao caso, seu doutore. E eu, pode Bossa Sinhoria crêre, inda tenho tenença p'ro negócio.

GOGÓ — Ah, então é taco, hein? (OUTRO TOM) E... quem é a vítima?

ZÉ-FIDÉLIS — Que bictima, seu doutore?

GOGÓ — De suas pretensões amorosas?

ZÉ-FIDÉLIS — Oh, nan é bictima, seu doutore, é Vranca. Filha de seu Vento.

GOGÓ — Filha de seu Vento?

ZÉ-FIDÉLIS — De seu Vento fogueteiro.

GOGÓ — An, é a Branca, filha do Bento fogueteiro? E ela está bonitinha, hein?

SÉ-FIDÉLIS — Uma v'leza, seu doutore, uma v'leza. É bê uma marrequinha.

GOGÓ — Uma marreca?

ZÉ-FIDÉLIS — Comp'rando mal, seu doutore, comp'rando mal.

GOGÓ — Quando parti para a Capital, franqueza, não era lá grande coisa.

ZÉ-FIDÉLIS — Apois estare que é um vrinco, é um anjo, seu doutore, cuja v'leza, cantando espalharei por toda parte (2), se a tanto...

GOGÓ — E você já lhe confessou a paixão que o consome?

ZÉ-FIDÉLIS — Inda nan tive curagem, seu doutore. Inda nan pude tomare chegada.

GOGÓ — Por que, homem? Tem cachorro no quintal?

ZÉ-FIDÉLIS — Nan é isso, seu doutore. É que quando eu a bejo...

GOGÓ — Quando a beija? Então você já a beijou, hein, maganão?...

ZÉ-FIDÉLIS — Nan seu doutore, ainda nan tive essa felicidade. Digo quando eu a bejo c'os olhos, compreende? Fico tam acanhado que me não sei explicare. A tremêre, a suare frio, seu doutore, e um furmigueiro a me correre p'la espinha dursali, que é um 'stupore. P'rece mesmo a vailarina. (3)

GOGÓ — Pois meu amigo, você a tremer assim, com sezões, e a suar frio, não arranja nada não, mas é bobagem. Em casos tais... é preciso calor. Faz-se mister manter-se a coluna termométrica numa temperatura de 40 graus pelo menos, senão... babáos.

Você pode suar... mas é quente, sabe?... Nestas cousas o essencial é o calor. Você sabe o que é o calor?

ZÉ-FIDÉLIS — O calôre? Nan sei muito vem o que bem a sêre nan, seu doutore.

(2) — Citação camoniana para ressaltar a procedência portuguesa do personagem, efeito que o autor volta a utilizar por mais vezes nesta peça.

(3) — Referência "a Bailarina" tema da primeira peça do autor, baseada na gripe espanhola de 1918.

GOGÓ — O calor... é a vida.

ZÉ-FIDÉLIS — Ah, antonce... o calôre é a bida?...

GOGÓ — É. Ouça lá (CANTA)

O calor, o calor

É que dá vida a paixão,

E nos faz o coração,

Palpitar cheio de amor.

O calor, o calor

Alimenta a nossa vida,

e desfaz a dor, a dor

Que em nossos peitos tem guardida.

ZÉ-FIDÉLIS

Sim, senhore,

Gosto de ouvire o doutore

E bou, desna de já,

Criare fogo e calore.

Ai... Ai, ai.

Quero que benha a mucháicha,

porque desta feita

Eu 'stou medonho, e... ou bai ou ráicha...

GOGÓ (AO MESMO TEMPO) ZÉ-FIDÉLIS

O calor é fibra,

Que alenta a alma

O coração vibra

E não se acalma

É o calor, é o calor

Que nos dá vida,

Nos dá vigor.

Numa investida

Bem atrevida

Dos rubros prélios

do amor

É o calor, é o calor

Que nos dá vida,

Nos dá vigor

É o calor, é o calor

Que nos dá vida,

Nos dá vigor.

O calor é fivra

Que alenta a alma

O coração bivra

E não se acalma

É o calore, é o calore

Que nos dá bida,

Nos dá bigore

Numa inbestida

Vem atrevida

Dos ruvros prélios

do amore

É o calore, é o calore

Que nos dá bida,

Nos dá bigore

É o calore, é o calore

Que nos dá bida,

Nos dá bigor.

GOGÓ — Agora, que você já sabe o que vem a ser o calor... fogo na canjica, enquanto está fervendo. Ponha-se de espreita, e, quando avistar a marrequinha: fogo. Pontaria certa — uma declaração de amor à queima roupa, An?

ZÉ-FIDÉLIS — Agora eu acho que bai, seu doutore.

GOGÓ — Vai. Tem que ir... A injeção que lhe dei foi boa. Óleo canforado puro, em alta dose. Levanta até um defunto. E você é batuta, hein?...

ZÉ-FIDÉLIS — Agora bai, seu doutore, ou bai ou raicha.

GOGÓ — Tem que ir... Quer um békistaine?

ZÉ-FIDÉLIS — Békistaine?

GOGÓ — Sim. Uma truasca, um calistetizinho (SINAL DE BEBER) para espertar as idéias.

ZÉ-FIDÉLIS — É vom, seu doutore. É vom.

(GOGÓ VAI BUSCAR, ENQUANTO ZÉ-FIDÉLIS GESTICULA A ENSAIAR A DECLARAÇÃO).

GOGÓ — (VOLTANDO COM UMA GARRAFA DE COGNAC E CÁLICE) — Pegue, e beba à saúde de seus amores.

ZÉ-FIDÉLIS — Sem, seu doutore. O calore é a bida. (LEVA O CÁLICE À BOCA E ESTALA A LÍNGUA).

GOGÓ — Hip... Hip... Hurrah...

ZÉ-FIDÉLIS (DEPOIS DE BEBER) — Agora bai.

GOGÓ — Quer outro?

ZÉ-FIDÉLIS — É vom, seu doutore. É vom, p'r'esquentare. Cessa tudo que a antiga musa canta que outro poder mais alto se levanta. (TOMA OUTRO). Muito ovrigado, seu doutore. Agora bai.

GOGÓ — Bom. Seja feliz, hein?...

ZÉ-FIDÉLIS — Os anjos o oiçam, seu doutore. Os anjos o oiçam. (GOGÓ SAI). Esse doutore é a amavilidade em pissoa. (VAI ATÉ A ESQUERDA ALTA E VOLTA). Dai-me curagem, minha Santa Birgem (VAI ATÉ A DIREITA BAIXA E CHAMA) Oh! seu doutore, seu doutore. Benha cá.

GOGÓ (APARECENDO À PORTA) — Que há, seu Fidélis?

ZÉ-FIDÉLIS — Seu doutore, mais um grogeletezinho, p'r'esquentare.

GOGÓ — Ou diabo. Você, assim, fica numa pressão muito alta, seu Fidélis, 30 cavalos.

ZÉ-FIDÉLIS — É p'r'esquentare, seu doutore.

GOGÓ — Qual esquentare. Você quer ficar é pegando fogo. Nem tanto e nem tão pouco, seu Fidélis. Nem gelado, e nem também quente demais... Frapé... Sabe? Enfim, vá lá. (VAI BUSCAR) Pegue não vá puxar fogo (A PARTE, ENQUANTO ZÉ-FIDÉLIS BEBE). O demônio do galego pensará que eu sou algum garçon de botequim?

ZÉ-FIDÉLIS (DEPOIS DE BEBER) — Agora bai.

GOGÓ — Adeus (AO CHEGAR À PORTA, VOLTANDO-SE). Aca-bou-se, hein?...

ZÉ-FIDÉLIS — 'Stá vem, seu doutore. (GOGÓ SAI) Agora bai. (OUTRO TOM) Bou a espreitare. (BRANCA APARECE) Lá bem ela. Lá bem ela. (BRANCA DESCE EM DIREÇÃO À ESQUERDA BAIXA E ZÉ-FIDÉLIS A ACOMPANHA SEM QUE ESTA O VEJA) Ó menina Vranca.

CENA VII

Zé-Fidélis e Branca

BRANCA (VOLTANDO-SE ASSUSTADA) — Que susto. (A ZÉ-FIDÉLIS) O que deseja o senhor?

ZÉ-FIDÉLIS (ATRAPALHADO) — Eu... Eu... Eu desejava... Eu estava com vontade... Sim, eu qu'ria...

BRANCA — O que, senhor?

ZÉ-FIDÉLIS — (À PARTE) Já 'stou a suare (ALTO) Eu qu'ria savêre... (COÇA A CABEÇA, AMASSA O CHAPEU, RISCA O CHÃO COM O CHAPEU DE SOL).

BRANCA — Vamos, senhor, explique-se.

ZÉ-FIDÉLIS — Eu bou explicare. Eu qu'ria savêre... se a menina lebaba gosto em m'arrecebere... pur marido...

BRANCA — Como? Parece-me que ouvi mal?...

ZÉ-FIDÉLIS (À PARTE) — Agora bai. (ALTO) Eu qu'ria casare com a menina... Se a menina lebasse gosto...

BRANCA — Não levo não senhor. E acho muito extravagante um tal projeto.

ZÉ-FIDÉLIS — Mas, menina... O meu amôre...

BRANCA — Qual amôre, senhor. Deixe-se disso. Dá-me até vontade de rir.

ZÉ-FIDÉLIS — Póde rir, menina, mas queira oubir-me.

BRANCA — Não senhor. Já ouvi até demais. Passar bem.

ZÉ-FIDÉLIS (SUPLICANTE) (CANTA)

Ó menina Vranca, tenha compaixão...

BRANCA — Não... Não...

ZÉ-FIDÉLIS — Deste peito meu, repleto de paixão...

BRANCA — Não... Não...

ZÉ-FIDÉLIS — (AVANÇANDO) Bida desta bida, alma de minh' alma.

BRANCA (CONTENDO-O) Calma...

ZÉ-FIDÉLIS — Ante o seu despreza, não posso ter calma.

BRANCA (CANTA) — Eu não o desprezo, mas não posso amá-lo.

ZÉ-FIDÉLIS — Ai... Ai...

BRANCA — Não o simpatizo p'ra que enganá-lo.

ZÉ-FIDÉLIS — Ai... Ai...

BRANCA — Acho o seu projeto muito descabido.

ZÉ-FIDÉLIS — Ai... Ai...

BRANCA — Julgo-o muito velho para meu marido.

ZÉ-FIDÉLIS — 'Stou esmorecido...

(BRANCA VAI A SAIR)

ZÉ-FIDÉLIS — Antonce, menina Vranca... nan bai nada?

BRANCA (VOLTANDO-SE) Não bai nada. (ENTRA EM CASA).

ZÉ-FIDÉLIS (SÓ) — Não foi. Não foi. Sim, senhore... Bim vuscar lan e saí tusquiado... Alma minha gentil...

CENA VIII

Zé-Fidélis, Gogó e depois Major.

GOGÓ (ENTRANDO) — Então já atirou na marrequinha?

ZÉ-FIDÉLIS (DESOLADO) — Não foi, seu Doutor. Não foi. Falhou o tiro, seu doutore. Saiu-me p'la culatra.

GOGÓ (RINDO-SE PERDIDAMENTE) — O que, homem?... Ah... Ah... Ah... Ah...

ZÉ-FIDÉLIS — A menina me achou belho p'ra marido... Belho um diavo...

GOGÓ — É taco, hein?... Ah... Ah... Ah... Ah...

MAJOR (ENTRANDO) — Im que tu achou graça, rapaz, que está a rir cum tanto gosto?... (VENDO ZÉ-FIDÉLIS) Ah. Foi n'arguma aqui de seu Zé-Fidélis?... (A FIDÉLIS) Cuma vai o sinhô?

ZÉ-FIDÉLIS — Mal. seu maiore... vou muito mal...

MAJOR — Quê qui le dói, home?...

GOGÓ — (AO MAJOR) Dói-lhe a passarinha... Ah... Ah... Ah... Ah... Sabe o senhor, meu pai, que o seu Zé-Fidélis anda com a mania de casar?... Ah... Ah... Ah... Ah...

MAJOR (ESPANTADO) — De casá? É inzato isto, seu Zé-Fidélis?...

ZÉ-FIDÉLIS — É, sim senhore.

GOGÓ — Com a Branca, filha do Bento.

MAJOR — Mas você tá maluco ou qué virá bicho?

ZÉ-FIDÉLIS — Nan 'stou a malucare, e nan quéiro birar vicho. Antonce, seu majore nan aprova?

CENA IX

Os mesmos e mais Chiquitinha

CHIQUITINHA (ENTRANDO) — Papai, o almoço está na mesa.

MAJOR — Já lá vamos. (A FIDÉLIS) Não aprovo, seu Fidélis. Não aprovo, e vou le dizê a razão por que.

(CANTA ENQUANTO GOGÓ RI)

Não aprovo, seu Fidélis.
É meu modo de pensá.
O véio, quando se casa,
Qué sarna para se coçá.
Qué sarna para se coçá.

**ZÉ-FIDÉLIS — Não me abacalhe, seu majore.
GOGÓ E CHIQUITINHA (CANTANDO)**

Quer sarna... Ai, ai, ai...
Quer sarna... Ai, ai, ai...
Quer sarna p'ra se coçar.
Quer sarna... Ai, ai, ai...
Quer sarna... Ai, ai, ai...
Quer sarna p'ra se coçar...

MAJOR —

Todo veio que percura
Cum mocinha se casá
Cum certeza tá danado
Qué sarna para se coçá.
Qué sarna para se coçá...

GOGÓ E CHIQUITINHA —

Quer sarna... Ai, ai, ai...
Quer sarna... Ai, ai, ai...
Quer sarna p'ra se coçá.
Quer sarna... Ai, ai, ai...
Quer sarna... Ai, ai, ai...
Quer sarna p'ra se coçá...

MAJOR —

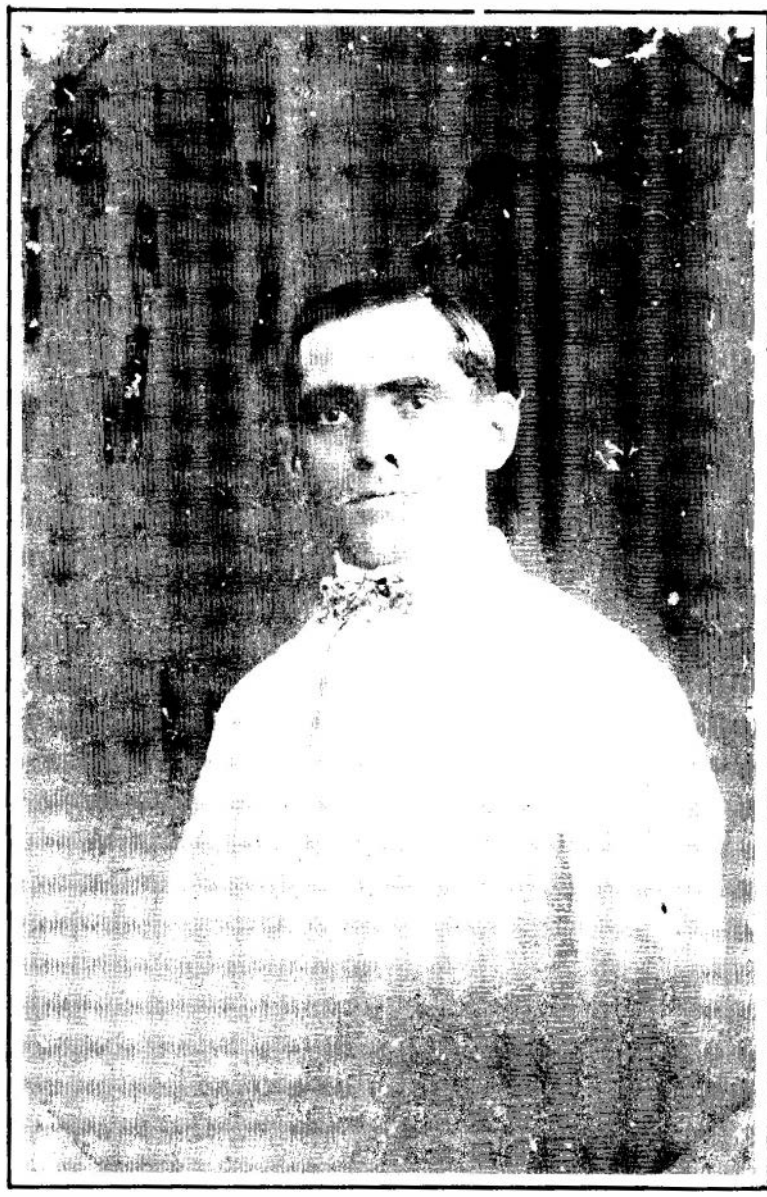
É verdade manifesta,
Ninguém pode duvidá,
O qui você qué, seu Zélis,
É sarna para se coçá.
É sarna para se coçá.

GOGÓ E CHIQUITINHA —

É sarna... Ai, ai, ai...
É sarna... Ai, ai, ai...
É sarna p'ra se coçar.
É sarna... Ai, ai, ai...
É sarna... Ai, ai, ai...
É sarna p'ra se coçar...

Vamos almoçar!

FIM DO PRIMEIRO ATO



AUGUSTO GUABIRABA: ator do Grêmio Dramático Familiar

SEGUNDO ATO

CENA I

(AO SUBIR O PANO, CHIQUITINHA, BRANCA E VIOLETA
CANTAM)

CHIQUITINHA —

A natureza
S' ostenta em lindas flores
É mesmo uma beleza,
Um misto de primores.

CORO —

A natureza, assim
Se ostente de lindas flores,
É mesmo uma beleza,
Uma beleza,
Um misto de primores

CHIQUITINHA —

Ai... Tra-lá-lá...

CORO —

Ai... Tra-lá-lá...

CHIQUITINHA — Gracil é o sertão
Do Ceará

CORO —

Ai... Tra-lá-lá...

Ai... Tra-lá-lá...

CHIQUITINHA — Tão lindo no Brasil
Outro não há.

CORO —

Outro não há.

CHIQUITINHA — Gozando a vida
em plena liberdade...
É que nos é querida
A nossa mocidade.

CORO —

Gozando a vida, assim,
Em plena liberdade,
É que nos é querida,
E bem querida
A nossa mocidade.

CHIQUITINHA — Alegre é a vida
Quando inverno há...

CORO —
Tra-la-lá... Tra-la-lá...
Tra-la-lá... Tra-la-lá...

CHIQUITINHA — Alegre é a vida
Passada por cá...

CORO —
Tra-la-lá... Tra-la-lá...
Tão fagueira não há...

CENA II

As mesmas e o Major

MAJOR (ENTRANDO) — Antonce vosmicês, pulo qui vejo, num
querem outra vida, senão cantarolar de menhã à noite?...
É só ai... Tra-lá-lá... Ai... Tra-lá-lá... Vocês num tem
o qui fazê não?... Hein?...
(BRANCA RETIRA-SE E. A.)

VIOLETA — Mas papai...

MAJOR — Querem alguma ocupação? Apois vão p'ra armofada...
Ou antonce vão rezá. Rezá é bom... p'ra que Deus Noss'si-
nhô se compadeça de nós e nos dê um bom inverno. Pro-
que... ou hai inverno ou num hai. Si havê, munto qui
bem, mas ai num havere, o sertão vai ficá sem viv'arma.
Inté nós, inté nós mermo, que Deus nos livre, talvez teremo
de arrumá as trouxa. Vocês antonce irão contarolar, longe
d'aqui o seu: Ai... Tra-lá-lá... Ai... Tra-lá-lá...

CHIQUITINHA — Não nos entristeça, papai...

MAJOR — É isto. Vão... Vão qui o tempo num tá p'ra cantarolas.
(SAEM)

CENA III

Major e depois Zé-Fidélis

MAJOR (DEPOIS QUE AS FILHAS SAEM) — Que Noss'sinhô te-
nha compaixão deste disinfeliz Ceará, qui é, cuma diz o Go-
gó, o eterno Ferreiro da Mardição... (APARECE ZÉ-FIDÉ-
LIS. À PARTE) Foi falá im mardição e o Zé-Fidélis apa-
ricê...

ZÉ-FIDÉLIS — Antonce, como bai, seu majore?

MAJOR — A pensá im coisas triste, seu Fidélis...

ZÉ-FIDÉLIS — É melhore nan pensare, seu majore... A pensare
morreu um vurro.

MAJOR — Burro será você. Trate mais séro, seu marinheiro...

- ZÉ-FIDÉLIS** — Eu nan o quis ofendere, seu majore, Deus me libere... Eu vem sei que Bossa Senhora nan é nenhum vurro ou cabalo...
- MAJOR** — Ainda anda a preseguí a fia do Bento? Se ele num fosse um home doente, seu Fidélis, eu acho qui já tinha ido cum você ao peia boi.
- ZÉ-FIDÉLIS** — Eu nan ando a perseguire a moça, seu majore. 'Stou apaixonado de berdade. E é p'ra casare.
- MAJOR** — Já é mania... Vive você aqui, de menhã à noite, cum os óio tão cumprido p'ra casa do Bento, qui só jacaré chocado os óvo. (OUTRO TOM) Você cunhêceu o Barata, seu Fidélis?
- ZÉ-FIDÉLIS** — O Varata? Nan senhore, seu majore.
- MAJOR** — Apois o Barata começou assim... E você sabe cumo ele acabou?
- ZÉ-FIDÉLIS** — Nan sei, seu majore.
- MAJOR** — Acabou doido. No azil. Você tenha juízo e tome cuidado, seu Fidélis.
- ZÉ-FIDÉLIS** — 'Sta vom, seu majore. Eu vem sei que Bossa Senhora 'sta a vrinicare...
- MAJOR** — A brincar? Apois sim... Continue a dispois num se arrependa. Paixão é fogo que o diabo atica, seu Fidélis... E num home cuma você, já entrando im anos, é um perigo amarelo, cuma diz o Gogó.
- ZÉ-FIDÉLIS** — Qual p'rigo amarelo, seu majore...
- MAJOR** — Apois sim... Fie-se na Birgem e nun corra... (SAI PARA A RUA. ESQUERDA ALTA).
- ZÉ-FIDÉLIS** (SÓ, ACOMPANHANDO O MAJOR COM OS OLHOS)
— Ora já se bio? P'rigo amarelo uma figa...

CENA IV

Zé-Fidélis e Gogó

- GOGÓ** (ENTRANDO) — Oh, Ilustre cavaleiro andante... do amor. Sempre em busca de sua Dulcinéia, hein? Já adiantou alguma cousa?
- ZÉ-FIDÉLIS** — Nada, seu doutore. Eu binha até pedir, sim eu até q'ria que Bossa Senhora me dêsse uma ajudazinha... nesse negócio.
- GOGÓ** — O que, homem? Uma ajuda?
- ZÉ-FIDÉLIS** — Sim, senhore. Um adjuntorozinho.
- GOGÓ** — E que espécie de adjuntório você quer de mim, seu Fidélis?
- ZÉ-FIDÉLIS** — Era p'ra Bossa Senhora fazere pur mim uma declaração de amore à menina Vranca.

GOGÓ — Você está maluco? Você logo não vê que eu não posso ir namorar a moça por procuração... E depois vosmicê se arriscaria muito, seu Fidélis...

ZÉ-FIDÉLIS — Me arriscaria?...

GOGÓ — Naturalmente. E para bom entendedor...

ZÉ-FIDÉLIS — Eu nan o entendo muito vem nan, seu doutore. P'rem bem a sere a mesma coisa.

GOGÓ — Você quer fazer de mim pau de cabeleira, seu Fidélis? (4)

ZÉ-FIDÉLIS — Eu nan, seu doutore. Eu nan quéro fazere de Bossa Senhora pau de caveleira... Mas Bossa Senhora nan é adbudado?

GOGÓ — Ah, sim. É verdade, homem. Eu até poderia, nesse caráter, prestar-lhe os meus serviços... profissionais. Mas o melhor é você perder o acanhamento e... atirar-se.

ZÉ-FIDÉLIS — Nan, seu doutore. Nan 'stá em minha mão. Nan tenho curagem de atirar-me... a mares nunca dantes nabegados.

GOGÓ — Mas é preciso. Olhe, seu Fidélis, não há motivo para essa sua timidez. Numa terra, infelizmente pobre como é a nossa, perseguida, periodicamente, por crises climatéricas que são verdadeiros cataclismos, quem tem, como você, uma padaria...

ZÉ-FIDÉLIS — Uma pad'ria só, nan, seu doutore. Tenho uma pad'ria, uma quitanda, um vom covrinho, e, com licença de Bossa Senhora, uma mula, seu doutore, que nan a dou nem por 600\$000.

GOGÓ — Então é de raça. Tanto melhor. Você, em condições tais, pode até aspirar à mão de uma das irmãs do vigário, quanto mais da filha de um fogueteiro paralítico.

ZÉ-FIDÉLIS — Nan tenho curagem, seu doutore. Nan tenho curagem. Bossê é balente, seu doutore?... Apois... bá bossê.

GOGÓ — Não. Faça uma segunda tentativa. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Olhe: comece por depositar aos pés de sua amada a padaria, a quitanda, os fundos de que dispõe...

ZÉ-FIDÉLIS — Assim eu beria a ficare sem nada. Nan seria melhore depositare a quitanda e ficare com a padaria e os fundos?

GOGÓ — Não senhor. Não senhor. O amor acima de tudo. E demais os bens serão comuns. Deposite tudo, inclusive a mula, sabe? Diga-lhe assim: Minha senhora. Rendido aos seus encantos, venho depositar a seus pés...

ZÉ-FIDÉLIS — Bamos a ensaiare, seu doutore. Bamos a ensaiare. Bossa Senhora bai fazere de conta que eu sou a menina Vranca, e Bossa Senhora é cá o Zé-Fidélis.

(4) — Alcovitelro

GOGÓ (A PARTE) — Bonito. Não faltava mais nada... (ALTO) Mas, afinal de contas, que lucro tirarei eu desse negócio?

ZÉ-FIDÉLIS — Bossa senhoria nan hai de perdere, seu doutore. Bai sere o meu advugado nessa demanda. (ISABEL ATRAVESSA A CENA AO FUNDO E ENTRA EM CASA DE BRANCA).

GOGÓ — Bem. Será, então, a minha primeira causa. (A PARTE) Vamos flautear o galego. (ALTO) Coloque-se deste lado, e preste-me atenção. Minha senhora. Aí faz um rapapé. Assim. Olhe (FAZ).

ZÉ-FIDÉLIS — 'Stou a olhare, seu doutore.

GOGÓ — Ela, certamente, fará uma cortesia. Faça. (ZÉ-FIDÉLIS FAZ) Bem. Vamos recomeçar. Minha senhora. (ZÉ-FIDÉLIS CORTEJA) Perfeitamente. Rendido aos seus encantos, venho depositar a seus pés, com o meu coração apaixonado, a minha padaria, a minha quitanda, os fundos que possuo, e a minha mula... (OUTRO TOM) É de sela, não é?

ZÉ-FIDÉLIS — É sim, seu doutore. E selada.

GOGÓ (CONTINUANDO) — A minha mula de sela, tudo, enfim, de que disponho. Aí você ajoelha-se e pega-lhe nas mãos. Não se esqueça de ajoelhar-se. É o chique. E melodramaticamente continua: Desde que a vi, que eu ando no mundo da lua. Se almoço, não janto, se janto, não ceio, se ceio, não durmo, e se durmo vejo a sua imagem vaporosa... em sonhos cor-de-rosa. (OUTRO TOM) Veja com que sentimento eu sei dizer estas coisas, hein?

ZÉ-FIDÉLIS — P'rém isso nan é berdade, seu doutore.

GOGÓ (RINDO-SE) — Pode não ser verdade, seu Fidélis, mas é quase verso. É o caso, sabe?

ZÉ-FIDÉLIS — Apois bamos agora, a inbertere os papéis, seu doutore. Bossa Senhoria passa a sere a menina Vranca, e eu cá serei o Zé-Fidélis mesmo. (TROCAM DE LUGARES).

GOGÓ — Vamos lá, comece. (A PARTE) Está divertido isto.

ZÉ-FIDÉLIS (FAZENDO UM RAPAPÉ). Minha senhora. Rendido aos seus encantos, benho depositare aos seus pés, com o meu coração apaixonado, a minha pad'ria, a minha quitanda, os fundos de que disponho, a minha mula de sela, tudo, enfim, quanto possuo. Aí eu pego nas suas mãos, ajoelho-me (AJOELHA-SE) e digo: Desde que a bi que ando na lua do mundo. Nan é isso. Que ando no mundo da lua. Se almoço, nan janta, se janto, nan ceio, se ceio bêjo a sua imagem baforosa...

GOGÓ — Baforosa o que?...

CENA V

Os mesmos e Major

MAJOR (ENTRANDO E. B.) — Mas que diabo é isto? Está se confessando ao Gogó, seu Fidélis? Dê-se a respeito, home... (GOGÓ RI-SE).

ZÉ-FIDÉLIS — Nan senhore, seu majore. Estaba a ensaiare (LEVANTA-SE).

MAJOR — Você acaba doido, e a famia num sabe (ENTRA EM CASA).

ZÉ-FIDÉLIS — Agora eu bou despachare a freguizia, e ensaiare com a Edwirges. Ó depois bolto a cá.

GOGÓ — Com a Edwirges? Que Edwirges?

ZÉ-FIDÉLIS — A mulhere que toma conta lá de minha casa.

GOGÓ — Vá, seu Fidélis. Vá e faça um ensaio geral com a Edwirges (ZÉ-FIDÉLIS VAI A SAIR) Ó seu Fidélis, você passa na Agência do Correio?

ZÉ-FIDÉLIS — Sim, senhore.

GOGÓ — Então, por obséquio, entregue lá esta carta, para pegar a mala de hoje. (ENTREGA UMA CARTA) Já está selada.

ZÉ-FIDÉLIS — Sim senhore. (SAI)

CENA VI

Gogó e depois Isabel

GOGÓ (SÓ, VENDENDO ZÉ-FIDÉLIS SAIR) — Coitado. Protejamos a velhice desamparada. Vou advogar a causa do Zé-Fidélis. É até uma distração para mim na insipidez desta vida de sertão. (APARECE ISABEL, SAINDO DA CASA DE BRANCA) Olá, deve ser aquela a apaixonada do Zé-Fidélis. (ALTO) Ó menina. Faz favor?... (A PARTE) Aproveitemos o ensejo. Mas está diferente p'ra burro. (ISABEL DEIXA A UM CANTO A TROUXA QUE TRAS, E DESCE).

ISABEL — O que é, seu moço?

GOGÓ — Menina, estou incumbido de fazer-lhe uma declaração.

ISABEL — Cuma?

GOGÓ (A PARTE) Cuma?... Safa... Fala mau com o diabo.

(ALTO) Há um homem, rico por sinal, que está perdidamente apaixonado pela menina.

ISABEL — Pur eu? Será Pussive? E qué casá?

GOGÓ — Naturalmente. (A PARTE) Mas está mudada...

ISABEL (A PARTE) É inté simpático.

GOGÓ — Eu desejava que me desse uma resposta favorável.

ISABEL — U'a resposta favorave?

GOGÓ — (A PARTE) Cruzes... (ALTO) Sim. Que aceitasse o coração do seu adorador, que, além do coração, lhe deposita aos pés uma padaria, uma quitanda, uma mula de sela e os fundos de que dispõe.

ISABEL (A PARTE) — Ou meu Deus, inté parece qui eu asso-nho...

GOGÓ — Então, menina?

ISABEL — Inhô?

GOGÓ — Não me trate por senhor. Pode chamar-me Gogó.

ISABEL (ADMIRADA) — Gogó?...

GOGÓ — Sim, Gogó. Como antigamente, quando éramos crianças.

ISABEL (ADMIRADA) — Quando nós era criança?

GOGÓ — Sim, não se recorda?

ISABEL — Inhô, não.

GOGÓ (A PARTE) — Nem eu. (ALTO) Também há oito anos que nós não nos víamos.

ISABEL — Há 8 anos qui nós num se via?

GOGÓ — Seguramente. Naquele tempo, éramos bem crianças, e para a menina eu era o Gogó, assim como a menina para mim era a Branca. Permite que eu lhe chame de Branca.

ISABEL — Branca?

GOGÓ — Sim.

ISABEL — Permito, inhô, sim. Se for do seu agrado...

GOGÓ (A PARTE) — Fala errado que é uma peste... O que é o meio... (ALTO) Para as pessoas que estimo, eu serei sempre o Gogó de outrora. Diga assim: permito, Gogó.

ISABEL — Premito, Gogó.

GOGÓ — Assim. (A PARTE) Catequisei-a. Parabéns, ó Fidélis... (ALTO) Então, aceita o coração do homem que a ama? Está resolvida a casar?

ISABEL — Ora taí... Eu tou, Gogó.

GOGÓ — Posso, então, comunicar ao Zé-Fidélis?

ISABEL (ADMIRADA) — O Zé-Fidélis?

GOGÓ — Sim, o seu noivo.

ISABEL — E num é tu, não, Gogó?

GOGÓ — Eu?... (A PARTE) Estou fora... Antes uma boa morte.

ISABEL — Ai... Eu cuidava qui fosse... Antonce é Seu Zé-Fidélis?

GOGÓ — É. Está louco por você, Branca. Conhece-o?

ISABEL — Cunheço. É tão véio p'ra eu...

GOGÓ — Isto não vem ao caso. Olhe; quando ele a procurar, trate-o bem, trate-o com o maior afeto. Lembre-se de que você vai ser a Madame Fidélis.

ISABEL — Eu? Badame Fidélis?

GOGÓ — Sim. Eu corro a avisá-lo do bom resultado da minha missão. Adeus, Branquinha.

ISABEL — Inté logo, Gogó.

GOGÓ (SAINDO) — Nem parece a mesma. Mas que mudança...
(SAI PARA A RUA)

CENA VII

Isabel só, vendo-o sair.

ISABEL — É tão simpaticozinho... Eu antes preferia mil vezes ele ao Zé-Fidélis, cum padaria e tudo. (PAUSA) O nome é qu'ê feio: Gogó. Inté intala a gente. Mas qui besteira. Só me chama de Branca. Branca p'ra cá, Branquinha p'ra lá. A Branca que eu conheço é a fia de seu Bento; e branquinha o povo chama é cachaça. Mas o Gogó dixeu qui eu vou sê Madama Fidéli. Vou cantá em rigrosijo. (CANTA)

Vou sê Madame Fidéli.

Quem dize foi o Gogó; — Bis.

Vou pintá agora a pele

Usá pente no cocó... Bis.

Se me dêsse a iscuiê,

Eu iscuia o Gogó; Bis.

Mais porém, im todo caso,

Podia sê mais pió... Bis.

Laigo o ferro de ingomá,

Cum toda satisfação... Bis

O noivo tem padaria,

Bato a mão a cumê pão... Bis

Cumo as moça da cidade,

É qu'eu vou andá agora; Bis

Vestido bem apertado,

C'as perna e braço de fóra... Bis

CENA VIII

Isabel e Branca

BRANCA (ENTRANDO) — Ainda estás aqui, Isabel? Que dê a trouxa?

ISABEL (APONTANDO) — Tá li.

BRANCA — Vá engomar logo a roupa.

ISABEL — Eu num vou mais ingomá não.

BRANCA — O que? Não vais?

ISABEL — Inhora não. Nem minha mãe precisa mais de batê roupa, e nem eu preciso de ingomá mais.

BRANCA — Não precisas? Mas que resolução tão repentina foi essa?

ISABEL — A iágua tá munto incassa. E adispois... eu vou me casá...

BRANCA — Vais casar?

ISABEL — Eu vou, inhora sim. C'o Zé-Fidéli.

BRANCA — Da padaria?

ISABEL — Da padaria.

BRANCA — Mas que mania daquele velho... Querer casar com todo mundo...

ISABEL — Num é cum todo mundo inhora não. É só cum eu qui o Gogó dixe.

BRANCA — Ah, foi ele que te disse?

ISABEL — Foi, inhora sim.

BRANCA — Mas que liberdade é essa? Gogó?

ISABEL — Ele dixe qu'eu podia chamá ele Gogó.

BRANCA — Você está muito bem...

ISABEL — Ambom... Eu agora vou cortá mas é de riba...

BRANCA — Leve a roupa.

ISABEL — Ói, eu posso levá, mais porém é a derradeira vez. Arrume outa. O Gogó dixe qui agora eu vou sê é Madama Fidéli (SAI CONDUZINDO A ROUPA E. B.)

CENA IX

Branca (só)

BRANCA — Ora graças. Felizmente vou me ver livre do tal Zé-Fidélis. Mas que velho cacete... Em qualquer parte que me via, fosse onde fosse até na própria igreja, punha-se logo a grunir, atrás de mim: (ARREMEDANDO-O) "Ó Menina Vranca, Menina Vranca..." Eu fingia não o ver e... ia passando ao largo.

CENA X

Branca, Violeta e Chiquitinha

VIOLETA (ENTRANDO COM CHIQUITINHA) — Oh, Branca. Você está muito soberba. Não aparece mais...

CHIQUITINHA — Já viste o Gogó?...

BRANCA — Ainda não. Tenho andado tão atarefada... É tanta costura...

CHIQUITINHA — Nunca mais cantamos, hein?

VIOLETA — Esta só pensa em cantar.

CHIQUITINHA (A VIOLETA) — Que que tem isto? (A BRANCA) Agora, meu bem, o papai com medo de um repiquete de seca, anda tão macambúcio... Não quer mais nem que a gente cante.

BRANCA — Mas tu cantas...

CHIQUITINHA — Eu canto. Eu nasci p'ra cantar. Este negócio de tristeza não vai comigo não.

BRANCA (ACARICIANDO-A) — Tu és uma patativa. Pois canta lá qualquer cousa.

VIOLETA — E se papai aparecer?

CHIQUITINHA — O carão é só p'ra mim. Eu canto. Embora, cada vez que eu cantar, leve um pito, eu canto.

VIOLETA — Pois cante.

BRANCA — Vamos ver... Coisa alegre, hein?

CHIQUITINHA — Agora isto, meu bem; tudo que eu canto é alegre, pelo menos a música. (CANTA)

O coração
Rindo, palpita,
Cheio de paixão
Ele se agita.
Ao clarear
Da mocidade
É nessa idade,
Que a gente
Sabe amar...
Assim a vida,
É bem querida,
Alegre e descuidada,
Mas vai-se a mocidade
No correr da idade.
Assim a vida
É bem querida,
Alegre e descuidada.
Mas... vai-se a mocidade
No correr da idade.

Num cajueiro
Fez o seu ninho,
Bem contente
E brejeiro
Um passarinho.
Perversamente,
Um rapazinho
Subindo ao galho
Desfez o belo ninho.
Assim a vida

No sertão

Se às vezes é querida
A seca nos desfaz
o lar e a ilusão...

CORO — Assim a vida
No sertão
Se às vezes é querida
A seca nos desfaz
O lar e a ilusão.

BRANCA — Vem gente aí... Vamos p'ra casa. (SAI E.A.)
VIOLETA E CHIQUITINHA — Vamos.

CENA XI

Violeta, Chiquitinha vão sair. Major entra

MAJOR — Vosmicês já tavam na cantarola, hein?

CHIQUITINHA — Meu Deus, quando... (SAEM AS DUAS)

MAJOR — Meu Deus quando. Eu nun sei p'ra que dimonhe mandei inducá essas menina... Foi só pro móde os conseios de seu vigaro. Era todo santo dia: mande inducá as menina. Você pode... Eu fui, eu caí na besteira de mandá. Mais porém eu cuidava qui inducá era insiná de um tudo. Mas quáo... Num sabem costurá, num sabem fazê renda, num sabem cozinhá. É só cantando, dançando, papagueando. Dessas espece de inducação... voute...

CENA XII

Major e Dolores

DOLORES (APROXIMANDO-SE DO MAJOR) — Quére leia buena-dicha, ganjão?

MAJOR (A PARTE) — Chi... Temo cigano na terra...

DOLORES — Diz passado, diz presente, diz futuro...

MAJOR — Brigado, Ganjona.

DOLORES — Deixa ver tua mão. Deixa ver. Diz cousas boas. Salva perigos.

MAJOR — Mas é bem engraçadinha essa danada... Quanto é a parada, Ganjona?

DOLORES — Cinco tuston.

MAJOR — Não faz diferença?

DOLORES — Não. Deixa ver tua mão. Tu é véuvo.

MAJOR — Inzato, ganjona. Qui mãozinha macia... é vê pelo de croatá.

DOLORES — Tu tem seis filhos.

MAJOR — Quantos, ganjona?

DOLORES — Seis.

MAJOR — Que eu saiba só tenho três, e quatro contando com uma que desapareceu quando andava nos cueros. E d'aí... tudo é possive neste mundo.

DOLORES — Tu tem um coração muito bom, compreende?

MAJOR — Adévinhou, ganjona. De manteiga... chega tá se derretendo.

DOLORES — Tem passado muitas dores, compreende?

MAJOR — Ih... Muitas, ganjona. Tenho um reumatismo medonho neste ombro.

DOLORES — Tu está ameaçado muitos perigos. Compreende? Vais sofrer decepções. Precisa ter cuidado com os amigos. Compreende? Talvez tenha de percorrer outras terras. Abandonar o sertão...

MAJOR — Não me desanime, ganjona. Diga coisas boa.

DOLORES — Quer fechar corpo, ganjão?

MAJOR — O que ganjona?

DOLORES — Tu quer fechar o corpo?

MAJOR — Brigado, ganjona. Já fechei indagora (FAZ SINAL DE BEBER).

DOLORES — Virá um bom tempo. Compreende? Tu será muito feliz. Fará fortuna. Tu será muito rico. Compreende?

MAJOR — Por aí vai indo bem, ganjona.

DOLORES — Tu morrerá muito velho. Compreende?

MAJOR — Isto, ganjona. Eu quero Morrê é caduco. (A PARTE) É tão engraçadinha... este cãozinho... (ALTO) Que istro-venga é essa, ganjona? (APONTA PARA O PANDEIRO)

DOLORES — É um pandeiro. Com ele eu acompanho os meus cantares.

MAJOR — É uma vida inté divertida essa sua, num é, ganjona?

DOLORES — Assim... Assim... Ouça, ganjão (**CANTA**)

Somos quais aves errantes,
Percorrendo várias plagas,
Ou como revoltas vagas
De imensos mares distantes...

Uns dias fagueiros,
Outros bem penosos,
Tristes forasteiros,
As vezes ditosos.

É esta a vida que levamos
Aventurosa e petulante,
Pelos sertões agora andamos,
Nesta lida fatigante,
Afanosa e inconstante.

Incomparáveis caminhantes,
Somos quais aves errantes,
Percorrendo várias plagas,
Ou como revoltas vagas
De imensos mares distantes...

MAJOR — Teve isprêndio, ganjona.

DOLORES — Adeus, ganjão.

MAJOR — Já vais?... É cedo ainda...

DOLORES — Não. Adeus.

MAJOR — Apois adeus, ganjona. Se alembre d'eu. (**DISFARÇADAMENTE METE-LHE NA MÃO UMA CÉDULA**)
(**DOLORES SAI E. B.**)

CENA XIII

Major, Catolé e Maçarico (Estes vão passando)

MAJOR — Ei... quê qui andum fazendo?

CATOLÉ — Nós vai de viagem, seu manjô, pru via da seca.

MAJOR — Mas vocês num tinham algum arricurso?

MAÇARICO — Morreu as criação toda, seu manjô. Acabou-se tudinho.

CATOLÉ — Nós vai vê se imbaica p'ros Almazona, si num achá trabaio do gunverno no Ceará.

MAJOR — Purque num isperum p'ra mode vê se chove? (GOGÓ APARECE).

MAÇARICO — É impossible, seu manjô. Cum fome e sede quem é qui pode insperá? Nós tá tudo aflagelado, seu manjô.

MAJOR — Mas antonce tão arresolvido mermo a deixá o sertão?

CATOLÉ — Qui jeito, seu manjô. No 15 nós ainda se agüentemo, mais porém agora num é pussive. (5)

MAJOR — E as famia?

MAÇARICO — Vão tudo, seu manjô. Semo 22 pessoa. Adeus, seu manjô.

MAJOR — Adeus, Maçarico.

COTOLÉ — Inté um dia, seu manjô.

MAJOR — Se Deus quisé, Catolé. Sejem bem feliz. (OS DOIS SAEM) Pobre gente... Ah, sorte ingrata... (ENTRA EM CASA).

CENA XIV

Gogó e depois Zé-Fidélis

GOGÓ (QUE TEM ASSISTIDO AO FINAL DA CENA ANTERIOR)

— Povo heróico e sofredor; resignado e bom. Parte para o exílio ou talvez para a morte, resignadamente, como quem cumpre um destino fatal... Sobraçando uma harmônica ou tendo por companhia inseparável uma viola, para espai-recer as saudades, vêem-se esses pobres homens partirem, evangelicamente conformados, sem um gesto de rancor, sem uma imprecação contra os fados inclementes que os atiram as agruras de um martiriológico sem par na história dos povos...

ZÉ-FIDÉLIS (ENTRANDO) — Antão é berdade? A menina Vran-ca me quêre mesmo, seu doutore?

GOGÓ — Quer sim. Ela própria me disse francamente que estava resolvida a desposá-lo. Felizardo, hein? Pode, cantando, espalhar.

ZÉ-FIDÉLIS — Como 'stou contente. E deu muito trabalho?

(5) — Referência à grande seca de 1915.

GOGÓ — Ih... Deu muito (A PARTE) É preciso fazer valer os meus serviços... (ALTO) A princípio não o queria, nem à mão de Deus Padre. Estava renitente, sabe? Foi preciso que eu aplicasse a teoria da persuasão. E afinal... convenci-a. Quando agora você estiver com ela, vai notar a diferença, vai ver o carinho com que será tratado.

ZÉ-FIDÉLIS — Ai, meu Deus... 'stou com a alma a cantare...

GOGÓ — Então cante, homem. Desabafe o peito. Quero ouvir um fadinho bem gostoso...

ZÉ-FIDÉLIS — Bai ouvire, seu doutore. (VIOLETA E CHIQUITINH A APARECEM)

ZÉ-FIDÉLIS (CANTA) —

Sinto meu peito ferido,
Ferido por teu rigôre, Bis
E digo num ai sentido:
Como é grande o meu amôre... Bis

Boa andorinha no espaço,
Bai ligeira e sem temore Bis
Atirare em seu regaço
Queixumes de meu amôre... Bis

Na hora em que a tarde cai,
Deixando a terra em palôre, Bis

O meu peito diz num ai:
Como é grande o meu amôre... Bis

Tenho saudades do Minho,
Terra de infindo primore... Bis
Quando alma me diz vaixinho:
Como é grande o meu amôre... Bis

GOGÓ — Muito bem. Isto comove mesmo.

ZÉ-FIDÉLIS — Fala à alma da gente, seu doutore.

GOGÓ — Pode falar à alma, mas acima do Fado está o Maxixe.

ZÉ-FIDÉLIS — Nan diga isso, seu doutore.

GOGÓ — Está sim. Mas muito acima. Porque, se o fado fala à alma, o maxixe fala aos nervos. O fado é tímido, sentido; o maxixe é ardente e ousado. O fado, realmente, comove, mas o maxixe, o maxixe entusiasmo. Quem ouve um fado, cheio de queixumes, fica com a alma em êxtases, porém quem ouve um maxixe, fica é com os nervos em vibração. Eu falo com experiência própria. Aprecie (CANTA).

Um maxixe, assim bem peneirado,
É catuba, é malvado...

Nos agita e os nervos abala,
Nada, nada o iguala...
Ai...

Um maxixe, assim bem peneirado,
É catuba, é malvado...

Nos agita e os nervos abala,
Assim, nada o iguala,
É catuba, é malvado...

Se acaso um querubim,
De lábios de coral,
A terno madrigal
Esquivo se mostrava,
Com um maxixe, assim,
De certo o conquistava,
Pois um maxixe animado,
Elegante e brejeiro,
É que nos faz amado.

(REPETE A PRIMEIRA PARTE)

E então?

ZÉ-FIDÉLIS — O fado é melhora.

GOGÓ (CHAMANDO) — Violeta... Chiquitinha... (APROXIMAM-SE) — Vocês ouviram o fado e o maxixe?

AS DUAS — Ouvimos, sim.

GOGÓ — Digam sua opinião. O que é melhor, o fado ou o maxixe?

VIOLETA — Achei mais bonito o fado.

CHIQUITINHA — Pois eu, meu bem, sou pelo maxixe até a morte.

GOGÓ — Isto, Chiquitinha. É comigo. O maxixe na ponta (AS DUAS AFASTAM-SE) Olhe, seu Fidélis, graças a um maxixe destes, estou em véspera de mamar... 50 contos.

ZÉ-FIDÉLIS — Ólerepis...

GOGÓ — É como lhe digo. Com um maxixe, conquistei o coração de uma viúva na Capital. E, dentro em breve, serei seu marido. Aquela carta que você me fez o obséquio de levar à Agência do Correio era a ela endereçada.

ZÉ-FIDÉLIS — Antonce bai seu doutore casare com 50 contos?...

GOGÓ — Vou. Eu entendo, de acordo com as teorias modernas, que o casamento é um negócio como outro qualquer. Uma sociedade, sabe? É mão p'ra lá, e mão p'ra cá. Você, casando, não vai efetuar um negócio? Não faz igualmente um negócio sua noiva, casando com você? Você não é bonito e... é velho.

ZÉ-FIDÉLIS — Velho nan, seu doutore, usado.

GOGÓ — Ou isso. Sua noiva é jovem, cheia de vida. Entra para a sociedade com a sua juventude e a sua beleza e você com a sua padaria e relíquia. Eu, por minha vez, casando, faço uma ótima transação, um negócio da China, sou moço e... não sou feio. Ela, não é tão usada como você, mas também não é bonita e é magra como um espicho. E se não tem padaria, em compensação tem 50 contos depositados no Banco Caixeiral. Eu vi a caderneta, sabe? Entra, portanto, com o capital e eu... com a indústria.

CENA XV

Os mesmos e Major

MAJOR (ENTRANDO) — Aíndia, seu Fidélis?

GOGÓ — Sabe, meu pai. Está assentado o casamento do Zé-Fidélis com a Branca.

MAJOR — Mas isto é impossível...

ZÉ-FIDÉLIS — 'stá assentado, sim senhore

GOGÓ — E eu posso afirmar com segurança, pois ela própria já me autorizou a comunicar isto mesmo cá ao Zé-Fidélis.

MAJOR — Este mundo está perdido. Antonce é coisa arresolvida?

GOGÓ — De pedra e cal.

ZÉ-FIDÉLIS — Ôlerepis...

MAJOR — E você dará conta do recado, seu Fidélis? Ói qui p'ra quem num tem costume... sustentá fámia num tempo destes...

GOGÓ — É buraco...

ZÉ-FIDÉLIS — Eu tenho com que passare, seu majore. E só 'stou a maginare na minha f'lecidade. (CANTA)
Cá o Zélis é f'liz.

CORO — Sim, é feliz...

ZÉ-FIDÉLIS — Pois que vai casare.

CORO — Ca... sar.

ZÉ-FIDÉLIS — Já não é petiz

CORO — Não é petiz

ZÉ-FIDÉLIS — À bida bai gosare.

CORO — Go... sar.

MAJOR —

Mas será o diabo,

Se, uma vez casado,

O Zé-Fidélis, apesar de gabo,

Não der conta do recado... (REPETEM MAJOR E GOGÓ)

MAJOR — Você tem coragem de matá onça a bofete, seu Fidélis...

GOGÓ — Vai realizar o grande sonho de sua vida.

MAJOR — Eu, se fosse você, seu Fidélis... não casava com uma
menina assim, inda cheirando a leite.

ZÉ-FIDÉLIS — E por que, seu majore?

MAJOR — Porque... é arriscado.

ZÉ-FIDÉLIS — Arriscado?

MAJOR — Arriscado, sim senhô. Ouça lá o que le vou contá
(CANTA)

Eu vi, de certa vez,
Uma menina,
Por sinal que bem ladina
Que com um véio se casou
Ficar arrependida, aborrecida
E depois um belo dia,
Bateu asas e voou.

CORO — Oh! que pesar... O Zé-Fidélis está danado p'rá casar (Bis)
Êle quer desta maneira fazer uma grande asneira (Bis)

GOGÓ — O velho, certamente, por demência,
Não mediu a conseqüência,
Quando deu um passo tal,
Que sempre é fatal,
Porque, de fato,
É unir o Equador ao Oceano Glacial (MAJOR E GOGÓ
REPETEM)

CORO — Oh! que pesar, etc.

ZÉ-FIDÉLIS —

Eu quero me casare, sim senhore,
Porque trago o peito meu
A transbordare... Só de amôre...
'Stou arresolvido a dare o nó
Pois p'ra isto eu conto até com o prestígio do Gogó
(BISAM)

CORO — Oh! que pesar, etc.

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

CENA I

Cogó, só

GOGÓ (COM UMA CARTA NA MÃO) — Leio e releio estas malditas linhas, custando acreditar em tamanha desgraça. (LENDO) “Meu caro Gregório. Escrevo-te às pressas, para transmitir-te a desoladora notícia de que D. Marcionília Costa...” Era a minha Creusa (CONTINUANDO A LER) “faleceu hoje pela madrugada, vitimada por uma tísica galopante. Aceita sinceros pêsames do teu amigo de sempre — Astro” (6). Isto é o que se chama urucubaca. (DECLAMANDO) Oh, fatalidade atroz que a mente esmaga... Ah, morte, parca, traiçoeira e inexorável... Roubares-me, assim, de chofre, as minhas mais caras esperanças... (OUTRO TOM) Sim, porque 50 contos de réis, nos tempos que correm, era, realmente, uma pechincha... Mas também porque diabo não me lembrei de casar, antes de vir para estes matos... Eu mesmo sou burro. Porque, devia ter reparado que aquela armação não resistiria por muito tempo. Agora é chorar na cama, aqui nem cama tem, é rede... que é lugar quente.

CENA II

Gogó e Zé-Fidélis

ZÉ-FIDÉLIS (ENTRANDO) — Antão, como bai, seu doutore?

GOGÓ (HIPOCRITAMENTE) — Inconsolável, seu Fidélis. Recebi hoje esta carta da Capital, dando-me a infausta notícia de haver falecido minha noiva. (LEVANDO O LENÇO AOS OLHOS) Que infelicidade...

ZÉ-FIDÉLIS (ENXUGANDO TAMBÉM OS OLHOS) — Ah, seu doutore, a minha mula também morreu.

GOGÓ (NOUTRO TOM) — O que? A sua mula também morreu?

(6) — Astro, barbeiro de Fortaleza. Ver nota 27 de “A Bailarina”.

ZÉ-FIDÉLIS — Morreu ontem, seu doutore. É o destino de todos nós...

GOGÓ (FINGIDAMENTE PESAROSO) — Mandaram-me dizer que ela fora vitimada por uma tísica galopante.

ZÉ-FIDÉLIS — A minha mula foi uma picada de cascabel.

GOGÓ — Mas eu não acredito. Aquilo foram saudades. Tão longe de mim, coitadinha...

ZÉ-FIDÉLIS — Resigne-se, seu doutore que eu cá já 'stou quasi confurmado.

GOGÓ — Cinquenta contos... Cinquenta contos por água abaixo...

ZÉ-FIDÉLIS — E a minha mula, seu doutore, eu nan a dava nen por 600\$000.

GOGÓ — Jaz sepultada no cemitério de S. João Batista.

ZÉ-FIDÉLIS — E a minha pobre mula, coitada, nem enterrada foi, seu doutore. Os uruvús a comeram. Faz pena. Tão vôa creatura, e varalhava tão bem que era mesmo um gosto bê-la.

GOGÓ — Olhe, seu Fidélis — Cem anos, cem anos que eu viva, nunca jamais, em tempo algum, poderei esquecê-la. Cinquenta contos... Cinquenta contos em metal sonante... E tão moça ainda... Cinquenta anos apenas... Minha pobre noiva... Morreu... vou consagrar-lhe um DE PROFUNDIS.
(CANTA)

GOGÓ — Morreu a minha noiva...

ZÉ-FIDÉLIS — Minha mula morreu. . .

GOGÓ — Perdi cinquenta contos...

ZÉ-FIDÉLIS — Seiscentos vódes perdi eu...

GOGÓ — Voou p'ra eternidade...

ZÉ-FIDÉLIS — Que cruel fatalidade...

GOGÓ — Tão boa e malfadada...

ZÉ-FIDÉLIS — Nunca deu uma patada...

GOGÓ — Criatura exemplar...

ZÉ-FIDÉLIS — Nunca bi tão vem marchar...

GOGÓ — De figura angelical...

ZÉ-FIDÉLIS — Nunca mais bêjo outra igual...

GOGÓ — Que pesar...

ZÉ-FIDÉLIS — Que azar...

GOGÓ — Mas que fazer agora?

ZÉ-FIDÉLIS — Não há jeito que dare...

GOGÓ — É não pensar mais nisto...

ZÉ-FIDÉLIS — É nisto nan pensare...

OS DOIS (AO MESMO TEMPO)

Mas que fazer agora?

Não há jeito que dar...

É não pensar mais nisto

É nisto não pensar...

GOGÓ (EM TOM DOGMATICO) — Respeitemos os desígnios da fatalidade, não perturbando o repouso daqueles que dormem, na morada eterna, o derradeiro sono... (MUDANDO DE TOM) Como vai o seu negócio?

ZÉ-FIDÉLIS — 'Stou aqui a caçare a menina Vranca p'ra lhe falare no casório.

GOGÓ — Então, ainda não a viu?

ZÉ-FIDÉLIS — Eu ainda nan bi nada, seu doutore...

GOGÓ — Pois você vai ver. Há de me contar depois o carinho com que ela há de tratá-lo. Está contentíssima, posso afirmar-lhe.

ZÉ-FIDÉLIS — E eu também, seu doutore. E foi por isso que nan senti tanto o passamento da minha pobre mula.

GOGÓ — Não falemos mais nos mortos. Tratemos dos vivos. Quem morre descansa. E, por falar em descanso, preciso descansar um pouco. Dê-me licença, viu? Derpertei muito cedo e fiz um longo passeio a cavalo. Sinto-me fatigado. Você fica de plantão, não?

ZÉ-FIDÉLIS — D'aqui nan arredarei pé.

GOGÓ — Bom. Então, até depois.

ZÉ-FIDÉLIS — Até, ó depois seu doutore.

(GOGÓ ENTRA EM CASA)

CENA III

Zé-Fidélis, só (Suspirando)

ZÉ-FIDÉLIS — Ai, ai... Muito padece quem ama... F'lizmente bou, enfim, realizare o grande sonho de minha bida. Já tenho o consentimento da menina, e posso, portanto, considerar-me seu noibo. (TOMANDO UMA RESOLUÇÃO) Bou chamá-la p'ra marcare o grande dia. 'Stou ansioso por ele. (VAI A ESQUERDA ALTA) Ó menina Vranca... Menina Vranca... Benha cá. Faça o favore... (DESCENDO) O coração 'stá a vaterre como um danado (BRANCA APARECE) P'rece a estrela d'alba a surgire...

CENA IV

Zé-Fidélis e Branca

BRANCA (DESCENDO. A PARTE) Mas que velhote cacete... Safa... (ALTO) Que deseja, senhor?

ZÉ-FIDÉLIS (DENGOSO) — Minha qu'rida Vranca, meu anjo, furmosa bisão de minh'alma... como bou sere f'liz...

BRANCA (ESPANTADA) — Que despropósito é este, senhor?

ZÉ-FIDÉLIS — Antão, meu anjo, pod'remos marcara o grande dia?

BRANCA — Que grande dia, senhor?

ZÉ-FIDÉLIS — Do casório.

BRANCA — Que casório?

ZÉ-FIDÉLIS (A PARTE) — 'Stá a se fazere desentendida... É o pudôre... (ALTO) O nosso, meu amôre...

BRANCA — O nosso?

ZÉ-FIDÉLIS — O nosso, sim, meu amôre, bai sere um acontecimento nunca bisto...

BRANCA — Ora esta... O senhor está a delirar...

ZÉ-FIDÉLIS — 'Stou, meu queruvim. 'Stou a delirare de contentamento...

BRANCA — Mas que gracejo... Anda, então, o senhor com a mania de casar com meio mundo?

ZÉ-FIDÉLIS (A PARTE) — P'rece 'stare com ciúmes. Vom sinal... (ALTO) Nan é com meio mundo, meu vem. É só com a menina... É só com a menina que eu quéiro me casare. Como bou sere f'liz...

BRANCA — Mas que história é esta? O senhor está maluco?

ZÉ-FIDÉLIS — Maluco?... Nan senhora. A menina nan disse que qu'ria casare comigo?

BRANCA — Eu? Eu nunca disse semelhante disparate...

ZÉ-FIDÉLIS — Disse, menina. Vóte a carga avaixo. Disse até que ia me tratare com carinho. Confesse, meninas.

BRANCA — O senhor quer forçar-me a confessar uma cousa que eu absolutamente não disse?

ZÉ-FIDÉLIS (BRANDO) — Eu nan a quéiro forçare, menina... Mas ontem a menina qu'ria, hoje já nan quére... Como se bem a explicare isto?...

BRANCA — Eu nunca o quis, senhor.

ZÉ-FIDÉLIS — Mas o seu Gogó me afirmou que a menina qu'ria...

BRANCA — Ah, foi o doutor Gogó?

ZÉ-FIDÉLIS — Foi, sim senhora. Disse que habia arranjado esse negócio.

BRANCA — Há oito anos que não vejo esse senhor Gogó. Portanto, se ele lhe asseverou isto, foi simplesmente... uma brincadeira de mau gosto.

ZÉ-FIDÉLIS — Vrancadeira?... Eu cá nan sou de vrancadeiras...

BRANCA — Pois, seja ou não seja, eu é que não estou mais disposta aturá-lo. E, por conseguinte, não me importune. Vá amolar a paciência... do fute. (SAI E ENTRA EM CASA).

CENA V

Zé-Fidélis (Só, depois que Branca desaparece)

ZÉ-FIDÉLIS... Do fute... Ora já se bio?... Chamou-me até de maluco. Ela é que está a me parecere que é maluca. Ora... anteontem nan qu'ria, ontem qu'ria, hoje já nan quere... Só satanaz pod'rá entendere esse pessoal feminino... (7)
(CANTA)

Ai, meu Deus que sorte a min'ha...
Eu já 'stou mais que danado.
Se a menina me espezinha,
E como um cão sou tratado...

Tenho meu peito a sangrare,
E a minh'alma espedaçada
Perdi o modo de andare...
Que mulhere arrenegada...

A mulher é inscontante,
É como as bagas do mare...
Na enxente ou na basante,
Andam sempre a bariare...

E se acaso ela é bolúbél,
Ninguém a pode entendere...
É medonha, irresolúbél,
Faz a gente padecere...

Quando ela é infiel,
É terribel, é danada,
É pior que a cascabel,
Quando dare uma picada...

E, se a gente bai amá-la,
Nunca diz ela o que sente,
A vricare... ela apunhá-la.
E a sorrir... morde a gente.

(7) — A música seguinte eliminada, a lápis, no original, até o final da cena seguinte.

CENA VI

Zé-Fidélis e Isabel

ISABEL (ENTRANDO) — Ai... O meu Fideli... (APROXIMANDO-SE DESTA, E SOLTANDO A TROUXA QUE TRAZ)
Dêsna pula menhá qui le procuro...

ZÉ-FIDÉLIS — A mim?

ISABEL — Inhô sim. Tou tão contente... Tou tão setisfeita...
qui inté drumi pouco esta noite... (SUSPIRANDO) Ai...
Ai...

ZÉ-FIDÉLIS (A PARTE) — Que diavo quererá isto dizere...

ISABEL (A PARTE) — O Gogó dixeu qu'eu tratasse bem o véio...
(ALTO) Apesá da déferença d'idade, eu é de le querê tanto,
tanto qui eu mermo nem sei...

ZÉ-FIDÉLIS (A PARTE) — 'Stou emvasvacado... Que vixo a
morderia?

ISABEL — Cuma nós vai sê feliz... (APROXIMA-SE DE ZÉ-FIDÉLIS, ENCOSTANDO-SE A SEU OMBRO).

ZÉ-FIDÉLIS (VEXADO) — Deixe disso, menina. Deixe disso. Póde
bire gente... (MAJOR APARECE A PORTA. ZÉ-FIDÉLIS,
A PARTE) — Que calore... Safa...

ISABEL (A PARTE) — Qui véio géldo... Credo... Móde coisa
qui é durmente...

CENA VII

Os mesmos e Major

MAJOR (DA PORTA) — Ei... Arrespeite a minha fámia... Deixeu
desse chamego no meu terreiro... Eu tenho fias moça...

ISABEL (A ZÉ-FIDÉLIS) — E quando há de sê o matrimonha?

ZÉ-FIDÉLIS — Qual matrimônio... Eu lá sei mais de matrimônio...
A menina já nan queira.

ISABEL — Eu bem qui quero... Dêsna d'onte qu'eu quiri...

MAJOR (A PARTE) — Ora, que pouca vergonha...

ZÉ-FIDÉLIS — E que me importa a mim que bossê queira ou nan
queira?...

ISABEL — O que? Não s'importa? Hein? E cuma foi qui você
dixeu que tava doidim pur eu?

ZÉ-FIDÉLIS — Eu?

ISABEL — E qui quiria casá cum eu...

ZÉ-FIDÉLIS — Eu?...

MAJOR — Oi... O negoço tá s'isquentando...

ZÉ-FIDÉLIS — Eu lá disse isso...

ISABEL — Nun dixeu?... (COM AS MÃOS NOS QUADRIS) —
Quererá ruê a corda?...

ZÉ-FIDÉLIS — Eu nan quero roere coisa alguma. Eu já 'stou é
mais que danado...

ISABEL — Ah, tá ispritado?... Depois vá mordê o cão. A eu você mermo num morde não, mas é bobage...

MAJOR — Num deixe ele mordê não, Zabel.

ZÉ-FIDÉLIS (A ISABEL) — Vá se embora.

ISABEL — Vá s'imbora o que... Você pode mandá ninguém s'imbora, véio ruim?...

MAJOR — Qui minina macho...

ISABEL — Tudo chêi de lorota... dixei qui tava doidim pru eu, qui era pra móde casá, qui punha nos meus pés a padaria, a quitanda e o diabo qui o carregue... E agora tá negando tudo...

MAJOR — Duro cum ele, Zabel.

ZÉ-FIDÉLIS — Eu nunca disse isso. Eu nem na cunheço...

ISABEL — Ah, num cunhéce não?... E cuma é qui tava todo afitotado pra meu lado, cum palêi de namoro, e préposta de casamento?

MAJOR — Isso é mania dele, Zabel.

ZÉ-FIDÉLIS — Eu? Afitotado pro seu lado, cum paleio de namoro e pruposta de casamento? Ora se se bio?

ISABEL — Inhô sim. Eu sube de tudo. Você pensa... O Gogó me contou tudim. Ele dixei inté qu'eu agora ia sê Madama Fidéli...

ZÉ-FIDÉLIS — O Gogó nan pud'rá tere dito isso...

ISABEL — O quê?... O quê?... Tá duvidando d'eu capirôto véio? Hein?... Diga... Diga...

MAJOR — Apanhou... qu'eu vi...

ZÉ-FIDÉLIS — Eu nan 'stou a dubidare... p'rém... (A PARTE) Que jararaca assanhada...

ISABEL (PEGANDO NA TROUXA) — Eu devera mais era arrumále cum esta trouxa no focim.

MAJOR — Arrume-le a trouxa, Zabel.

ISABEL — Ou antonce furá-le os óio cum este grampo, galego ordináro...

MAJOR — Fura o galego, Zabel...

ZÉ-FIDÉLIS (A ISABEL) — Galego, nan... Me arrespeite.

ISABEL — Me arrespeite o que, animáo... (GRITANDO) Galego... Galego... Galego...

ZÉ-FIDÉLIS (RECUANDO) — Bá dare no voi... cascabel de bê-rêda...

ISABEL (AVANÇANDO) — O quê?... O quê?... Arripita... s'é home...

ZÉ-FIDÉLIS — Eu te esconjuro, piranha de uma figa. (SAI AS PRESSAS PERSEGUIDO POR ISABEL)

ISABEL — O demonhe te leve pras funda, galego safado... As curuba te presiga...

CENA VIII

Major, Isabel, Gogó, Violeta e Chiquitinha

- MAJOR (OLHANDO POR ONDE ZÉ-FIDÉLIS SAIU) — Vai, qui vai danado... (RINDO-SE).
- GOGÓ (ENTRANDO COM VIOLETA E CHIQUITINHA) — Mas que barulho horrível é esse? Acordei em sobressalto...
- VIOLETA — O que foi, papai?
- CHIQUITINHA — O que foi, hein?..
- MAJOR — O que foi? Foi esta menina qui quagi vai cum o Zé-Fidélis ao peia boi. Saiu d'aqui fumando numa quenga...
- VIOLETA — Chi... Que estralada...
- CHIQUITINHA — Eu só queria ter assistido...
- MAJOR — E era bem feito qui o Zé-Fidélis levasse uma sova... Quem manda aquele disinfeliz vivê cum a mania de casá...
- GOGÓ — Mas como foi isso?
- ISABEL — Apois o demonhe do galego num teve a corage de dizê qu'era mentira, Gogó. Qui nunca pretendeu casá cum eu... e fez esse inscândio todo... pro aqui afora...
- GOGÓ — Ele teve a ousadia de dizer isso?
- ISABEL — Ambom... É sujeitim ordináro.
- GOGÓ — Garanto-lhe que, em minha presença, ele não é capaz de sustentar tal coisa.
- ISABEL — Apois é cuma eu le conto, Gogó. E taí seu manjó qui diga. Mas eu tomem tem quem me queíra... e aquele misarave me paga... Bom, inté outa vista (DIRIGE-SE A CASA DE BRANCA, DIREITA ALTA, ONDE ENTRA).

CENA IX

Os mesmos, menos Isabel

- MAJOR (EXPLICANDO) — Foi, o Zé-Fidéli dixeu qui nunca pretendeu casá c'a Zabel.
- GOGÓ — Que Isabel?
- MAJOR — Aquela (APONTA).
- GOGÓ — Isabel? E aquela não é a Branca, filha do velho Bento?
- VIOLETA — A Branca? Tem graça...
- CHIQUITINHA — Não, meu bem, aquela não é a Branca, não.
- GOGÓ — Não é?
- MAJOR — Qual Branca... Aquela é a Zabel, gomadeira, fia do finado Quelemente, qui foi vaqueiro do defunto Capitão Zuca Pimenta. (8)

(8) — Zuca Pimenta, marido de Peraldiana, principal personagem das peças "A Bailarina" e "Casamento da Peraldiana".

GOGÓ — Ora esta... Sim senhor... Pois fui eu o causador involuntário de toda essa embrulhada. Julgava que ela fosse a Branca...

VIOLETA — Ora... a Branca é tão diferente dela...

CHIQUITINHA — Como a água do vinho...

MAJOR — Agai Pituassu!

GOGÓ — Há oito anos que não a vejo e... confundi-me. Vi a tal Isabel sair da casa do Bento e pensei que fosse a Branca. Mas que encrenca... E eu que lhe disse que podia chamar-me Gogó... Uma engomadeira a tratar-me por Gogó... É o cúmulo...

MAJOR (SAINDO) — Ora o cúmulo... E você num é Gogó Carapeba? (ENTRA EM CASA).

CHIQUITINHA — O cúmulo, Gogó, foi você confundir a Branca com aquela engomadeira rude...

VIOLETA — Isto é que foi, realmente, o cúmulo...

(BRANCA APARECE À PORTA DE SUA CASA)

CHIQUITINHA — Lá está a Branca (CHAMANDO) Branca vem cá. (BRANCA DESCE VAGAROSAMENTE)

CENA X

Os mesmos e Branca

GOGÓ (À PARTE) — Ah, mas está verdadeiramente encantadora esta pequena. Sim senhor... Comme il faut.

VIOLETA — Está qui, Gogó, esta é que é a Branca.

CHIQUITINHA (À BRANCA) — Pois ele não julgava que a Isabel engomadeira eras tu, Branca...

BRANCA — É possível?...

GOGÓ (APERTANDO-LHE AS MÃOS) — Queira perdoar-me. Mas há tanto tempo não a via...

CHIQUITINHA (À GOGÓ) — Também ela, depois que você chegou, Gogó, ficou tão arisca... Não aparece mais...

BRANCA — Tenho tido tanto que fazer...

VIOLETA — Vamos lá para dentro. Conversaremos mais à vontade.

BRANCA E CHIQUITINHA — Vamos (VÃO A SAIR)

GOGÓ — Eu as acompanho. (À PARTE) — O Zé-Fidélis tem razão. É uma tetéia. Estou com o coração alvoroçado, a tocar matinas... (ENTRA EM CASA)

CENA XI

Isabel, só. (SAI DA CASA DE BRANCA.

DESCENDO A BOCA DE CENA)

ISABEL — Eu ainda tou inchando... Apois o demonhe do galego num roeu a corda, severgonhosamente... Mais porém isto

num fica assim não. Fica o que... Que bicho ruim... Tomém eu agora num quero mais aquele nojento pur dinheiro nenhum... Pode socá a padaria dele... no inferno. Agora, só pra móde amostrar qu'eu tomém tem quem me quêra, vou casá c'o Mané Peba. Ele é pobre cuma JÓ, mais porém num é véio; e tem sustança inté umas hóra pro trabaio. Póde inté ganhá dinheiro. Eu a princípio num queria não. P'ra que dizê qui quiria?... Ele era só atrás d'eu cum pelei de casá, qui quiria munto me bem, e qui vira e qui mexe, e mais isso e mais aquilo, e eu... era só dando o fóra... Mais agora eu vou querê. Ele num tem padaria, cuma o Zé-Fidélis, mais porém tem mandioca no roçado, e eu im vez de cumê pão, vou cumê mais é... beiju... (CANTA)

Já num quero o Zé-Fidélis,
Nem qu'ele venha pintado;
Vou casá c'o Mané Peba,
Qui é mió, mais delicado...

Agora o táo Zé-Fidélis,
Cumigo vai cumê cru...
Do seu pão num faço causo.
Vou m'interá no beiju...

S'eu pegá um dia a jeito
Esse galego safado,
Vou cum ele o nó da peia,
Té deixá-lo iscadeirado... (*)

Agora eu vou mais é atraz do Mané Peba (VAI A SAIR)

CENA XII

Isabel, Branca e depois Gogó

BRANCA (ENTRANDO) — Então, Isabel, continuas ou não a engomar?

ISABEL — Continuo, inhora sim. O home ruiu a corda... Inté adispois, sinhá Dona. (SAI).

(BRANCA DIRIGE-SE PARA SUA CASA QUANDO GOGÓ ENTRA)

GOGÓ (ENTRANDO) — Branca... (BRANCA DESCE) Ao verte, como por encanto, ressurgiram-me, na imaginação, as gratas reminiscências do passado, em que refulges, num halo de saudades, como a companheira diletta dos melhores dias de minha vida...

(*) As duas últimas estrofes estão nesta ordem no original, entretanto, um círculo indica que devem ser invertidas no espetáculo.

BRANCA — E, no entanto... confundiu-me com uma engoma-
deira...

GOGÓ — Perdoa-me; peço-te. Fui realmente um néscio... (A
PARTE) em confundir a lavoura com a poesia...

BRANCA — Pois eu nunca o esqueci. Mas nunca...

GOGÓ — Bastou-me ver-te. Bastou-me olhar-te um segundo, para
evocar, num ápice, toda a nossa infância distante...
(CANTA)

Ai... Amor...
Ao recordar o passado
De nossa vida em flor,
Neste recanto adorado...

BRANCA —
Que... Prazer...
A alma sinto ditosa
E alegre, ao reviver
De nossa vida
A quadra venturosa...

GOGÓ — É doce relembrar
Na imaginação,
Sentindo o coração
A palpitar...
A palpitar...
De comoção...

BRANCA —
Ditosa quadra aquela,
Neste torrão natal,
Vivida tão singela,
Assim tão bela,
E jovial...

OS DOIS —
Ai... Amor...
Ao recordar o passado
De nossa vida em flor,
Deste recanto adorado...
Que... Prazer...
A alma sinto ditosa
E alegre, ao reviver,
De nossa vida
A quadra venturosa...

(GOGÓ BEIJA-LHE A MÃO)

CENA XIII

Os mesmos e Zé-Fidélis

- ZÉ-FIDÉLIS (QUE TEM ENTRADO POUCO ANTES. EM TOM REPREENDEDOR) — Ou, seu doutore...
- BRANCA (ASSUSTADA) — Virgem Maria (CORRE E ENTRA EM CASA DO MAJOR)
- GOGÓ — Você, seu Fidélis, é, na verdade, um estupor... Interromper-me o capítulo no melhor da festa...
- ZÉ-FIDÉLIS — Mas seu doutore estava s'entusiasmando demais...
- GOGÓ — E você não me deu ampla procuração, seu Fidélis?
- ZÉ-FIDÉLIS — 'Stão cassados os poderes, seu doutore...
- GOGÓ — Muito bem. Era isto exatamente o que desejava ouvir. Agora, fique prevenido, vou agir por minha própria conta. (DIRIGE-SE PARA CASA).
- ZÉ-FIDÉLIS — Benha cá, seu doutore. Benha cá.
- GOGÓ (E MAR DE TROÇA) — Passar bem, seu Fidélis... Passar bem... (SAI)
- ZÉ-FIDÉLIS (SÓ) — Agora bai agire por sua própria conta... Que diavo quererá isto dizere?... (SAI MONOLOGANDO)

CENA XIV

Cabo, Mané Pebá, Major e Gogó

- CABO (ENTRA CONDUZINDO MANÉ PEBA, PRESO. A MANÉ PEBA) — Vamos, marche. (EM FRENTE A CASA DO MAJOR, CHAMANDO) — Seu manjô... Ou seu manjô. (MAJOR APARECE) — Pronto, seu manjô. (PERFILADO).
- MAJOR — Que qui hai, Cabo? (GOGÓ APARECE)
- CABO — Seu manjô, vim apresentá a V. S. este indivídiu qu'eu prendi ind'agora.
- MAJOR — E qual'o é o crime dele?
- CABO — Comeu um bode da veúva do Capitão Pereirinha lá do Riacho Fundo.
- MANÉ PEBA — É falso, seu manjô...
- MAJOR — Cal'esta boca. (AO CABO) E cuma descubriram qui foi ele?
- CABO — Pulo couro ispitchado na porta dele.
- MANÉ PEBA — É farso, seu manjô. Eu achei o bodim morto nas capoeira. Piquininim, dest'amanho, e magrim, coitadim qui só tinha mesmo era pelha im riba dos ósso. Eu cuidu qui morreu foi de fome. E vai daí, tirei o couro. Nem a carne aproveitei, qui já tava mais era pôde...
- MAJOR — A históra tá máo contada. (AO CABO) Meta esse ladrão de bóde na cadeia.

MANÉ PEBA — E lá dão di cumê à gente, seu manjô?

MAJOR — Di cumê? Só se fô fulande... (FAZ SINAL DE AÇOITE)

GOGÓ (INTERVINDO) — Meu pai, mande soltar esse pobre homem.

MAJOR — Inhor, não. É preciso dá um insino nessa canáia, qui tão acabando as criação alea.

GOGÓ — Vou ver-me na contingência de requerer um “habeas-corpus” em seu favor.

MAJOR — Dêxa de besteira, Gogó. Aqui nos mato num hai esse negoço de bioscopo, não. E quem arrequere, vai tomém preso.

GOGÓ — Mas isto é um absurdo.

MAJOR (AO CABO) — Já fez o interrogatório?

CABO — Inhor não.

MAJOR (A MANÉ PEBA) — Venha cá. Cumo se chama você?

MANÉ PEBA — Mané Peba.

MAJOR — Você é inleitô?

MANÉ PEBA — Inleitô?

MAJOR — Sim. Você vota cum nós,

MANÉ PEBA — Eu num seio lê, seu Manjô.

MAJOR — Num sabe nem lê, esse homão... (AO CABO) Meta esse narfabeto na cadêa.

CABO — Vamos, siga.

GOGÓ — Meu pai, mande soltar o homem

MAJOR — Antonce vosmicê vei p'ru sertão foi pru móde adévogá ladrão de bode?

GOGÓ — Se esse infeliz fez isso, foi certamente impellido pela fome.

MANÉ PEBA — Eu num sou ladrão de bóde, seu manjô. O causo se passou cuma eu já dixê. Eu num perciso de róbá, na graça de Deus. E xeu tivesse matado o bode da véúva tomém num era tão inorante qui fosse espichá o couro na minha porta p'ra móde todo mundo vê...

MAJOR — (É claro como a luz Edison) (9) (A PARTE) — Nisso inté ele tem razão... (ALTO) Apois teje sorto. Mais num vá fazê outra, vio?

MANÉ PEBA — Inhô sim, seu manjô.

GOGÓ (A MANÉ PEBA) — Vou arranjar-lhe trabalho.

MANÉ PEBA — Brigado, seu moço (VÁI A SAIR)

MAJOR (A MANÉ PEBA) Ói. (MANÉ PEBA PARA) Venha cá. (MANÉ PEBA APROXIMA-SE) — Dê o meno o couro à véúva.

MANÉ PEBA — Inhô sim, seu manjô (SAI)

CABO (PERFILADO) — Dá licença qu'eu me arritire, seu manjô?

(9) Em parênteses acrescentado no manuscrito. Luz elétrica.

MAJOR — Pode se arretirá (CABO SAI)

(MAJOR VAI A SAIR)

GOGÓ — Meu pai. (MAJOR VOLTA-SE) — Tenho que participar-lhe, que estou resolvido... a casar.

MAJOR — A casá? Qui arresolução tão de supetão foi essa?... E você tem cum que sustentá fãmia, Gogó?

GOGÓ — Tenho a promessa formal de ser nomeado, até o fim do mês, promotor da comarca. Isto para começar...

MAJOR — E cum quem é qu'ocê casa, Gogó?

GOGÓ — Com a Branca. Vi-a e fiquei doido por ela. Resolvi arrancá-la das garras do Zé-Fidélis.

MAJOR — C'a Branca?... Você logo num vê, Gogó... A fia dum fogueteiro... Gentinha do povo...

GOGÓ — Perdão... O senhor deve lembrar-se haver me dito que gente do povo éramos todos nós. E deve recordar-se também, que, se meu pai, antes de fazendeiro, foi vaqueiro, o Bento, antes de ser fogueteiro, foi comerciante abastado. São voltas que o mundo dá, meu pai, e que a todos nós cumpre respeitar.

MAJOR — Lá isso é verdade. Apois casa, home. (SAINDO) O que é de gosto arregalo o peito (ENTRA EM CASA).

CENA XV

Gogó e depois Dolores

GOGÓ (SÓ) — Sim. Estou resolvido. Mas eu mesmo fico admirado dessa paixão, assim tão repentina. É que ela é, realmente, uma jóia de alto valor, com todos os requisitos indispensáveis à companheira de minha vida...

DOLORES (ENTRANDO) — Gregório.

GOGÓ (SURPRESO) — Tu, aqui...

DOLORES — Sim. Sem ti, não poderei viver. Partiste, e eu parti em teu encaço, como a mariposa atraída pelas chamas de uma luz.

GOGÓ (COM TRISTEZA) — Mas minha pobre zíngara, para que vieste?... E os teus?

DOLORES — Abandonei-os por ti. Fugi, alta noite, do rancho onde me viste, e palmilhei, sozinha e ao desamparo, a minha distância que nos separava...

GOGÓ — Desgraçada... Muito maior é a distância que nos há de separar eternamente... Há de permeio, entre nós dois, a sociedade, a família, o próprio destino de nós ambos...

DOLORES — E para que me disseste, então, aquelas palavras tão bonitas, que me desinquietaram o coração, até então tranqüilo como as águas de um lago?...

GOGÓ — Ouve-me: Encontrei-te, de viagem, em um abarracamento de ciganos. Falei-te, e vi que eras tão pura e tão linda, como uma nacarada de pérola do oriente. Enlevado

pelas tuas maneiras afáveis, — e por que não dizê-lo? — seduzido por esses teus formosos olhos, que se assemelham a dois diamantes fúlgidos, dirige-te um galanteio de amor, lamentando, de modo o coração, as tristes condições em que te vias...

DOLORES (TRISTEMENTE) — Desdenhas, então, da afeição santa e sincera que te consagro, desde o primeiro momento em que te vi?...

GOGÓ — Não. Não a desdenho. Sei mais, porque m'o disseste e eu o acredito, que não nasceste cigana; que foste em pequenina raptada; mas, deves convir, minha filha, entre nós dois, há um abismo intransponível... Parte, pois. Volta para os teus. E... esquece-me.

DOLORES — Esquecer-te. Esquecer-te, eu... (**ERGUENDO OS OLHOS AOS CÉUS**) E será possível, meu Deus?...

GOGÓ — Escute-me: Amar-te, acorrentar-te ao meu destino, seria comprometer o meu futuro, cujos horizontes agora é que se descortinam, seria desperdiçar a minha vida inteira, seria inutilizar-me para sempre. De ti, fica bem certa, eu guardarei no mais recôndito da alma, uma recordação indefinível... Mas volta. Parte. Perdoa-me. E... esquece-me...

DOLORES (CANTA)

És muito ingrato... A minha vida,
Sem compaixão, dilaceraste...
Sou como triste flor pendida,
Que, sem temor, despedaçaste...

Com o teu desprezo me fulminas...
Meu pobre peito, em opressão,
É qual sepulcro em ruínas,
Aonde jaz meu coração...

Cruel... Longe de ti a minha vida,
Vai ser tristonha, amarga e dolorida...

Amarga e dolorida...
Atravessei ínvios caminhos,
Onde os meus pobres pés sangraram,
Aguiloados por espinhos,
Que com fereza os maltrataram...

Por ti sofri mil dissabores,
Trazendo n'alma a amargura,
Nem sei dizer as minhas dores,
Tão grande é minha desventura...

Cruel... Longe de ti a minha vida,
Vai ser tristonha, amarga e dolorida,
Amarga e dolorida...

DOLORES (DEPOIS DE TER CANTADO) — Adeus, para sempre... (VAI A SAIR; RETROCEDENDO, TIRA DO PESCOÇO UM CORDÃO COM UMA MEDALHA). Toma. Guarda uma lembrança minha. (BEIJA-A E ENTREGA) Era o que eu mais prezava no mundo.

GOGÓ (BEIJA-A, POR SUA VEZ, E LÊ NO VERSO) — “Dolores, 22-5-903” (COM TRANSPORTE) — Oh, meu Deus... (PEGANDO-LHE NUM BRAÇO COM FRENESI) Onde e como obtiveste esta medalha?... Dize.

DOLORES — Oh... Magoas-me...

GOGÓ (SOLTANDO-LHE O BRAÇO) (RÁPIDO) — Vamos... Responde... Fala, por piedade...

DOLORES — Desde criança que a trago comigo. Dela, até hoje, não me separei um só momento na vida, por me parecer uma recordação de minha mãe, a quem não conheci.

GOGÓ (RÁPIDO) — E quando foste raptada pelos ciganos, trazias esta medalha ao pescoço? Dize.

DOLORES — Trazia, sim.

GOGÓ — E sabes, porventura, de que lugar te raptaram? Por Deus, fala; dize depressa.

DOLORES — Não. Isto nunca m'o disseram. Mas por que tanta pergunta? Pensará acaso que eu furtei este objeto?

GOGÓ (COM EMOÇÃO) — Não, minha pobre Dolores. Não. É porque, a ser verdade o que dizes... tu és... minha irmã.

DOLORES (SURPRESA) — Tua irmã?... Eu, tua irmã?... Será possível, meu Deus?...

CENA XVI

Os mesmos, Major, e depois um Cigano

MAJOR (ENTRANDO) — Ai... A ganjona...

GOGÓ (COM GRAVIDADE) — Meu pai, não me disse o senhor, várias vezes, que minha irmã Dolores, ao desaparecer, levava preso ao pescoço um cordão com uma medalha da Imaculada Conceição?

MAJOR — Dixe. E porque?

GOGÓ — Lembra-se se havia alguma inscrição no verso?

MAJOR — Inscrição no verso?

GOGÓ — Sim. Se tinha alguma coisa escrita nas costas da medalha.

MAJOR — Ah!... O finado curunéo Barroso, de quem eu era vaqueiro naquele tempo, e qui era padrim dela, escreveu atrás da medáia, c'a ponta de uma faca, o nome da afiada e o dia do batizado: Dolores. 22 de mai de 1903.

GOGÓ (ENTREGANDO-LHE A MEDALHA) — Examine se é esta.

MAJOR (ALVOROÇADO) — É esta. É esta mermo. Adonde você achou? Cuma vêi pará nas suas mão, Gogó?

GOGÓ — Meu pai, aqui tem sua filha, há dezesseis anos desaparecida.

MAJOR (ESPANTADO) — O que, Gogó, Minha fia?... A ganjona. Cuma pode sê isso? Ispilica.

UM CIGANO (ENTRANDO) — Ei... Fujona acompanhe-me.

GOGÓ — Alto lá... Nenhum direito tem o senhor sobre ela.

CIGANO — Não tenho?... Ora essa; é minha filha.

MAJOR (DESALENTADO) — É sua fia... Tá vendo, Gogó?... É fia dele...

DOLORES — Não é verdade.

GOGÓ — Este homem... mente. (PUXANDO-O POR UM BRAÇO) Essa menina não é sua filha. Foi raptada da Fazenda Malhada Grande, na noite de 24 de dezembro de 1903. (COM ENERGIA) Confesse se é ou não verdade o que eu acabo de dizer. Vamos, fale; se não quer ser imediatamente preso.

CIGANO (DE CABEÇA BAIXA) — É verdade, ganjão.

COGÓ (RADIANTE) — Está ouvindo, meu pai?

MAJOR — É minha fia... Achei a minha fia... Graças vos dou meu Deus por tamenha felicidade. (ABRAÇA-A COM EMOCÃO).

DOLORES (COM TERNURA) — Meu pai... (BEIJA-LHE A MÃO)

GOGÓ — (AO CIGANO) Parta imediatamente. Fuja: se não quer ser preso. (CIGANO SAI ÀS PRESSAS)

MAJOR (CHAMANDO) — Violeta... Chiquitinha... Venham cá depressa. ("SINHÔ!"...) (A DOLORES) Vai cunhecê suas irmã.

DOLORES — E minha mãe?

MAJOR — Tua mãe isfeliceu há dez ano.

GOGÓ — Expirou com teu nome nos lábios, Dolores.

DOLORES — Pobre mãe (CHORA)

CENA XVII

Os mesmos, Violeta e Chiquitinha

VIOLETA E CHIQUITINHA (ENTRANDO) — O que é, papai?...

MAJOR (APONTANDO DOLORES) — Abracem sua irmã Dolores.

AS DUAS (ESPANTADAS) — Nossa irmã?

GOGÓ — Nossa irmã, sim; há dezesseis anos raptada pelos ciganos.

VIOLETA — Oh, meu Deus, que ventura... (CORRE, ABRAÇA DOLORES E BEIJA-A COM TRANSPORTE)

CHIQUITINHA — Deixa alguma cousa também p'ra mim, Violeta. Ô... (ABRAÇA E BEIJA DOLORES).

MAJOR — Atarracha.

GOGÓ (TRAZENDO BRANCA PELA MÃO) — Dolores, esta não é tua irmã, mas o vai ser dentro em breve. É minha noiva.

BRANCA, VIOLETA E CHIQUITINHA (ADMIRADAS) — Tua noiva?...

GOGÓ — Sim. Minha noiva. (A BRANCA) Penso que não o recusarás...

BRANCA — Recusar-te eu, que nunca aspirei tamanha felicidade?... (ABRAÇA E BEIJA DOLORES) — Como é bonita...

CENA FINAL

Os mesmos, Zé-Fidélis, Isabel e Mané Peba

ZÉ-FIDÉLIS (ENTRANDO) — Antão, menina Vranca, nan quére sêre minha mulhere?

BRANCA — Não, seu Fidélis. (FORMA GRUPO COM VIOLETA, DOLORES E CHIQUITINHA).

MAJOR (A FIDÉLIS) — Você já foi despachado.

ZÉ-FIDÉLIS — Despachado?

GOGÓ — P'ra consumo...

ZÉ-FIDÉLIS — Antonce nan hab'rá mais esp'rança?

GOGÓ — Qual esp'rança... Ela vai casar é comigo. É o Maxixe que suplanta o Fado. Eu não lhe dizia...

ZÉ-FIDÉLIS — Fui furado... (APARECE ISABEL E MANÉ PEBA)

MAJOR — Ói, seu Fidélis, o mió é você casá mermo c'a Zabel.

ISABEL — Eu quero lá me casá cum essa desgraça...

ZÉ-FIDÉLIS (AFASTANDO-SE) (A PARTE) — Nem eu com essa jararaca assanhada.

ISABEL — Era p'ra sê... mais avéixou-se... Agóra, duvidó... O meu marido vai sê esse. Eu vou sê mais é madama Mané Peba. Nós veio cumvidá seu manjô pá padim. O Gogó vai inté arranjá trabaio p'ra ele...

GOGÓ — Arranjo; mas não me chame mais Gogó. É doutor Gregório, ouviu?

ISABEL — Mais num foi tu mermo qui dixe qui era Gogó?

GOGÓ — Era... mas já não sou, sabe?...

ZÉ-FIDÉLIS (A PARTE) — Trabalho... Trabalho bai tere esse peba, e é muito... só em agüentare esse demônio...

MAJOR — Mais ispere... Eu cunheço esse freguês. (A PEBA) Não foi você qui cumeu o bode da veúva? (*)

ISABEL (ASSANHADA) — Qui história é essa?... Vosmincê anda cum palêi cum arguma veúva, seu Mané Peba?...

MANÉ PEBA — Eu não, Zabel. É cassuada de seu manjô.

ISABEL — Cassuada... Você veja cumo anda, vio?

(*) Mais uma frase de duplo sentido. No Ceará "estar de bode" significa estar menstruada. É possível que tenha esta fala sido usada para mais um efeito cômico, como sugere a fala seguinte de Isabel.

ZÉ-FIDÉLIS (A PARTE) — 'Stá a se danare... (A GOGÓ, APONTANDO DOLORES) Ó seu doutore, aquela ciganinha nam me quererá p'ra marido?

GOGÓ — Aquela, seu Fidélis, não é para o seu bico. Bata à outra porta.

ZÉ-FIDÉLIS (APONTANDO VIOLETA) — E a menina Bioleta?

MAJOR — A Violeta já tá primitida a um primo qui tá nos istudo.

ZÉ-FIDÉLIS (CORRENDO A VISTA AO REDOR) — Antão stá tudo aqui p'ra casare?... A menina Vranca, a menina Bioleta, a Isavel...

GOGÓ — Tudo. Tudo aqui está para casar. Vá rodando.

CHIQUITINHA — Menos eu, meu bem, que ainda não tenho idade.

MAJOR — E eu, que já dei baixa do selviço. Há dez anos qui invéuvei...

ZÉ-FIDÉLIS — E eu... que continuo em disponib'lidade... Fui furado...

GOGÓ (PEGANDO NA MÃO DE BRANCA) — Minha Branca...

BRANCA — Meu Gogó.

GOGÓ — Como a ventura nos sorri...

ISABEL (COM DENGUICE) — Ai, Mané Peba...

MANÉ PEBA — Qui foi, Zabel?

ISABEL — Cuma nós vai sê feliz...

MANÉ PEBA — E diga.

MAJOR — Viva os noivado...

TODOS (EXCETO ZÉ-FIDÉLIS) — Viva...

ZÉ-FIDÉLIS — E eu... (ASSOVIA) Nada... Fiquei a bêre nabios... Bi com os olhos... e comi com a testa... Fui furado.

CORO —

O Zé-Fidélis foi furado,
Ele está mais que danado,
Porque a mula lhe morreu,
E a noiva, e a noiva
E a noiva, ele perdeu...

BRANCA (Ao mesmo tempo)

Ai... Amado Gogó,

Nossa existência

Vai correr ditosa

E bem feliz seremos então

Pois a ventura

Nos sorri radiosa

GOGÓ

Ai... Amada Branca,

Nossa existência

Vai correr ditosa,

E bem feliz seremos então,

Pois a ventura

Nos sorri radiosa.

CORO — REPETE ESTRIBILHO

MANÉ PEBA — O que foi Zazel?

ISABEL

Ai... Ó Mané Peba

Tou tão contente, qui nem sabia...

Cuma nós vai, nós vai sê feliz,

Meu sarafim, quando nós casá...

CORO — REPETE O ESTRIBILHO

ZÉ-FIDÊLIS —

Eu é que fui logrado,
Por me fiare nesse advugado
doutra feita, terei mais cuidado,
Pois não desejo sêre mais furado. . .

CORO — REPETE O ESTRIBILHO

F I M